



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM
ARTES E MÚSICA**

CECÍLIA GOMES CARVALHO

**O ENSINO DA ARTE NO CAMPO E NA CIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS TOCANTINENSES**

Tocantinópolis (TO)
2018

CECÍLIA GOMES CARVALHO

**O ENSINO DA ARTE NO CAMPO E NA CIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS TOCANTINENSES**

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob a orientação do Prof. Gustavo Cunha de Araújo.

Tocantinópolis (TO)
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C331e Carvalho, Cecília Gomes.

O ensino da arte no campo e na cidade: um relato de experiência sobre duas escolas públicas tocaninenses. / Cecília Gomes Carvalho. – Tocantinópolis, TO, 2018.

69 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2018.

Orientador: Gustavo Cunha de Araújo

1. Ensino da arte. 2. Escola do campo. 3. Educação do campo. 4. Escola urbana. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CECÍLIA GOMES CARVALHO

O ENSINO DA ARTE NO CAMPO E NA CIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS TOCANTINENSES

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 26 / 11 / 2018

Banca Examinadora:

Gustavo Cunha de Araújo

Prof. Ms. Gustavo Cunha de Araújo, Orientador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Mara Pereira da Silva

Profa. Ms. Mara Pereira da Silva, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Juliane Gomes de Sousa

Profa. Ms. Juliane Gomes de Sousa (representante) da Profa. Ms. Rosa Ana Gubert, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas

Dedico este trabalho a minha família (pai, mãe e irmãos) que sempre me apoiaram e estiveram do meu lado me dando forças para enfrentar as dificuldades durante toda a minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por estar sempre ao meu lado me mostrando os caminhos certos a seguir e me dando forças e a oportunidade para chegar até aqui, por isso a ti Senhor vai meu muito obrigada.

A minha família que é a minha maior inspiração e um dos maiores motivos que tenho para seguir em frente todos os dias. Sempre me apoiaram e acreditaram no meu potencial. Agradeço em especial ao meu pai (Cícero) que sempre me incentivou e esteve ao meu lado nas dificuldades. Ao meu irmão (Reny) que teve uma parcela significativa na minha graduação, pois sempre que precisava ele estava pronto para me ajudar. Meu muito obrigado família, sem vocês eu não teria conseguido chegar até o fim.

Vai aqui também um agradecimento especial ao meu professor orientador Gustavo Cunha de Araújo, por sua grande contribuição para com o meu trabalho, pela paciência e dedicação.

Por fim, agradeço as minhas colegas Elia Gomes e Lara Hanna, que sempre enfrentávamos as dificuldades juntas, ajudando umas as outras. Agradeço em especial também ao Bruno Feitosa, que sempre me incentivou, que sempre esteve do meu lado, me apoiando e não me deixando desistir, a você vai o meu enorme obrigado.

RESUMO

Este presente trabalho tem como principal objetivo analisar como acontece o ensino de artes em uma escola urbana na cidade de Tocantinópolis-TO e em uma escola do campo localizada em Piaçava-TO, que se encontra à aproximadamente 45km (quilômetros) da cidade de Tocantinópolis. A pesquisa foi realizada em dois municípios diferentes pelo fato de não ter escolas do campo que atendem a etapa de ensino fundamental II onde pretendia realizá-la no município onde resido. Tem como procedimentos metodológicos a pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório. Como instrumentos de coletas de dados, foram utilizadas a observação direta das aulas de artes dessas duas escolas e questionários semiestruturados com os alunos e os professores que lecionam nessa disciplina das escolas citadas. Dentre alguns resultados, constatei que a arte ainda é vista por muitos alunos como sendo basicamente apenas o desenho e a pintura, bem como em alguns momentos como algo de “lazer”, e por esses motivos os alunos gostam das aulas de artes, pois acham que é uma disciplina fácil, que só desenham e que não reprova. O ensino de artes da escola urbana poderia trabalhar com metodologias diferenciadas que possibilite ao aluno interagir com o fazer artístico, importante para o processo de ensino-aprendizagem, levando esse estudante a ter um pensamento crítico e reflexivo, uma vez que essas aulas são trabalhadas de forma tradicional, embora o professor busque se esforçar em trazer a arte para a sala de aula para que os alunos tenham algum contato com ela. Diferente da escola urbana, na escola do campo o professor, mesmo sem formação para trabalhar com o ensino de artes, busca metodologias voltadas à realidade dos educandos, com materiais que estão no seu dia a dia da vida do campo, fazendo com que eles se interagem com esse fazer artístico.

Palavra-chave: Ensino de Arte. Escola do Campo. Escola Urbana. Educação do Campo.

ABSTRACT

This work has as main objective to analyze how it happens the teaching of arts in an urban school in the city of Tocantinópolis-TO and in a school of the countryside located in Piaçava-TO, that is located to approximately 45km (kilometers) of the city of Tocantinópolis. The research was carried out in two different municipalities due to the fact that there are no rural schools that attend the stage of elementary education II where I intended to carry it out in the municipality where I live. It has as methodological procedures the research of qualitative approach, of exploratory nature. As data collection instruments, the direct observation of the arts classes of these two schools and semi-structured questionnaires with the teachers who taught in this discipline of the mentioned schools were used. Among some results, I found a certain devaluation of the teaching of arts in the school context and the lack of importance of the art for the students, for the majority of them of the urban school. Art is still seen by many as basically just drawing and painting, as well as at times as "leisure", and for these reasons students enjoy art classes, as they find it an easy discipline, which they only draw and do not disapprove. The teaching of arts of the urban school could work with differentiated methodologies that allow the student to interact with the artistic work, important for the teaching-learning process and this student to have a critical and reflective thought, since these classes are worked of traditional way. Unlike the urban school, in the rural school the teacher, even without training to work with the teaching of the arts, seeks methodologies focused on the reality of learners, with materials that are in their day to day life in the countryside, causing them to become interact with this artistic work.

Keyword: Art Teaching. School of the Countryside. Urban School. Rural Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Escola do Campo	19
Imagem 2 – Área interna da Escola do Campo	20
Imagem 3 – Escola Urbana	21
Imagem 4 – Área Interna da Escola Urbana	22
Imagem 5 – Alunos participando da aula	37
Imagem 6 – Alunos construindo a câmara escura	38
Imagem 7 – Câmara escura construída pelos os alunos	39
Imagem 8 – Atividade sobre o folclore	40
Imagem 9 – Verso da folha da atividade sobre o folclore	41
Imagem 10– Texto trabalhado pela a professora da escola do Campo	52
Imagem 11 – Os alunos observando o ambiente	53
Imagem 12 – Trabalho produzido com tampas	53
Imagem 13 – Trabalho produzido com areia.....	54
Imagem 14 – Trabalho produzido com diversos materiais	54

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
DRE	Diretoria Regional de Ensino
PC	Professora do Campo
PPP	Projeto Político Pedagógico
PU	Professora da escola urbana
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA	15
2.1	Instrumentos de coletas de dados	18
2.1.1	Observação	18
2.1.2	Questionários.....	18
2.2	Local da pesquisa	18
2.2.1	Dados da escola do campo	18
2.2.2	Dados da escola da cidade.....	20
2.3	Sujeitos da pesquisa	22
3	ENSINO DE ARTE E EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONTEXTUALIZAÇÃO E PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS	23
3.1	Arte-Educação no Brasil	23
3.2	A importância da arte no contexto escolar	25
3.3	Educação do Campo	26
3.4	Inserção das artes na Educação do Campo	31
3.5	Formação de professores	32
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS NAS ESCOLAS DA CIDADE E DO CAMPO	34
4.1	Relato de experiência da escola urbana	34
4.2	Análises dos questionários dos alunos da escola da cidade	41
4.3	A concepção da professora da escola da cidade sobre a arte	46
4.4	Relato de experiência da escola do campo	47
4.5	Análises dos questionários dos alunos da escola do campo	55
4.6	A concepção da professora da escola do campo sobre a arte	59
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS	65
	APÊNDICES	66

1 INTRODUÇÃO

Ao realizar o Estágio Curricular Supervisionado I no curso de Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, tive a oportunidade de observar algumas aulas de artes em uma escola do campo no município de Tocantinópolis-TO, e pude ver que o processo de ensino de artes não está sendo como deve, como, por exemplo, ajudar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, levantar problemáticas para estimular a reflexão deles, utilizar a disciplina de artes para dar oportunidades para os alunos se expressarem através da arte, pois a mesma ainda vem sendo trabalhada nas escolas com metodologias tradicionais, que são aquelas metodologias em que o aluno não pode expressar suas próprias opiniões e que o professor é o centro da sala o aluno deve ter a obrigação de ouvir e decorar tudo o que é ensinado pelo professor, não levando em consideração a realidade do educando.

Além disso, pude observar também que a arte ainda não é vista como sendo uma disciplina de grande importância para a formação educativa dos educandos. Como sabemos nas escolas do campo a educação deve ser trabalhada com práticas pedagógicas diferenciadas e, na disciplina de artes, principalmente a partir de perspectivas que visem a realidade dos educandos, os seus costumes e seus saberes parecem que não anda sendo considerados, já que nas duas realidades (campo x urbana) a arte está sendo trabalhada da mesma forma, com as mesmas metodologias e pedagogias.

A arte é uma área de conhecimento que ainda está sendo bastante desvalorizada, isso fica ainda mais evidente, quando se vê que foram dez anos para ser aprovada a lei de obrigatoriedade do ensino de artes no currículo das escolas. Porém é importante ressaltar que este ensino estava voltado apenas para o desenho e a música. A arte passa por uma grande trajetória para conseguir sua inserção do seu ensino nas escolas.

Este presente trabalho tem como principal objetivo analisar como acontece o ensino de artes em uma escola urbana na cidade de Tocantinópolis-TO e em uma escola do campo localizada em Piaçava-TO, que se localiza a aproximadamente 45 km (quilômetros) da cidade de Tocantinópolis. Minha pesquisa foi realizada em dois municípios diferentes pelo fato de não ter escolas do campo que atendem a etapa de ensino fundamental II onde pretendia realizar minha pesquisa no município onde resido.

Com a pesquisa realizada analiso também se a educação do campo esta sendo valorizada, pois ao observar o ensino de artes em uma escola do campo, tenho a oportunidade de analisar se a mesma esta trabalhada considerando a realidade dos povos do campo, pois é

preciso que na educação do campo os sujeitos sejam valorizados quanto seu modo de vida e suas próprias culturas e realidade em que estão inseridos.

Dentre os vários pesquisadores que realizam pesquisas sobre a Arte-Educação um dos mais conhecidos é a autora Ana Mae Barbosa, visto que em uma de suas pesquisas vem abordar a importância da arte na escola, e também os problemas políticos do contexto educacional em relação ao ensino de artes.

Por ver e compreender que arte é de grande importância no processo de construção cognitiva dos educando, para o desenvolvimento individual e entre outros papéis que a mesma deve ter dentro das escolas, então foi por esses e por muitos outros motivos que optei por fazer minha pesquisa na área de Arte-Educação para poder analisar melhor como está acontecendo o processo de ensino de arte em duas realidades (campo X urbana) diferentes, e poder contribuir não somente para melhorar o ensino de artes em escolas urbanas, mas poder contribuir também para com o melhor ensino da escola do campo que desde sempre vem sendo desvalorizada.

Com a pesquisa que realizarei pretendo contribuir no campo da Arte-Educação para que a arte tenha relevância nas escolas e que a mesma seja trabalhada para possibilitar aos estudantes a desenvolverem a capacidade crítica, reflexiva entre outras, pois a mesma deve ser trabalhada em consonância com a realidade do educando, respeitando seus saberes e especificidades, principalmente dos povos do campo, para possibilitar aos educandos serem mais reflexivos criticamente do ambiente em que vivem e do espaço em que ocupa na sociedade.

Então é com esse intuito que pretendo realizar minha pesquisa levantando problemas para que seja respondido no decorrer da investigação que é ver como a disciplina de artes esta sendo trabalhadas numa escola do campo e numa escola urbana fazendo uma análise comparativa entre as duas realidades e tentando compreender quais as concepções dos docentes e discentes sobre a disciplina de arte na escola, buscando analisar também se a escola do campo está levando em consideração a realidade dos povos do campo.

Muitos autores realizam pesquisas sobre a Arte-Educação, com foco na disciplina de artes, mas buscando entender se a mesma está sendo trabalhadas nas escolas, quais metodologias são utilizadas pelos docentes, quais os instrumentos de avaliação, como as aulas são desenvolvidas, quais materiais didáticos utilizados entre outros, mais não se preocupam em fazer estudos para compreensão da importância da Arte-Educação para a diversidade das pessoas que compõem um grupo, por exemplo, a escola e de como trabalhar com essa diversidade também. Então minha investigação também se torna relevante porque irá mostrar

um pouco como a Arte-Educação é importante para estabelecer uma educação de qualidade para os povos do campo até mesmo para os ajudarem á serem mais críticos através da arte e buscar nela subsídios pra lutarem por seus direitos como cidadãos.

Nesse sentido, apresenta como objetivo principal analisar como a disciplina de Artes está sendo trabalhada numa escola urbana em Tocantinópolis-TO e numa escola do campo em Piaçava-TO. Como específicos, destaco: identificar a(s) metodologia(s) utilizada pelo professor de Artes em ambas as escolas; compreender qual é a concepção de estudantes e professores sobre a arte nas duas escolas pesquisadas; comparar as duas realidades (campo x urbano) no que se refere ao ensino de Artes desenvolvido nas escolas pesquisadas. O presente trabalho tem sua divisão em três capítulos: Capítulo 1: Metodologia; Capítulo 2: Fundamentação teórica: arte-educação, educação do campo, Artes na educação do campo e formação de professores; Capítulo 3: Análise dos dados coletado na pesquisa

. O primeiro capítulo tem como foco mostrar os procedimentos metodológicos que utilizei para realizar minha pesquisa, já o segundo aborda a ideia dos autores que embasam minha pesquisa, autores esses que enfatizam sobre a arte-educação, educação do campo, Artes na educação do campo e formação de professores. Já o terceiro capítulo apresenta a análise dos dados coletado na pesquisa.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Nesta pesquisa desenvolvida, foi utilizada a abordagem qualitativa, com objetivo de colher o máximo de informações possíveis da realidade pesquisada, para responder o problema investigado, e de verificar e analisar com mais cientificidade os dados coletados. Segundo Gerhardt e Souza (2009, p. 12) a pesquisa qualitativa,

Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. As razões que levam à realização de uma pesquisa científica podem ser agrupadas em razões intelectuais (desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer) e razões práticas (desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz). Para se fazer uma pesquisa científica, não basta o desejo do pesquisador em realizá-la; é fundamental ter o conhecimento do assunto a ser pesquisado, além de recursos humanos, materiais e financeiros.

A abordagem qualitativa se preocupa mais com o processo de observação ou percepção da realidade a ser pesquisada durante o processo da investigação do que com apenas com dados numéricos, ou seja, não implica em um estudo necessariamente quantitativo, mas sim em um contato diretamente com a realidade do ambiente estudado focando-se no processo e o significado dos dados obtidos e dos sujeitos pesquisados.

Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Na visão dos autores “Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). Como aborda também conceitos sobre a pesquisa qualitativa, Silveira e Córdova enfatizam ainda que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (2009, p. 32).

Contudo, a pesquisa tem como finalidade buscar respostas para o problema de pesquisa proposto e norteador, pois é preciso que tenha algo a descobrir, perguntas para ser respondidas ou, até mesmo, verificar a sua veracidade. Porém, para que seja intitulada como uma pesquisa científica, a principal característica da mesma deve ser a utilização de procedimentos científicos para a realização da pesquisa, pois nesse entendimento, “a pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43-44). Os autores abordam ainda que “pesquisar cientificamente significa realizarmos essa busca de conhecimentos, apoiando-nos em procedimentos capazes de dar confiabilidade aos resultados”.

A pesquisa científica que se refere aos instrumentos utilizados para a sua realização se refere aos procedimentos metodológicos dos quais a constituem para a sua consecução, para o processo da pesquisa científica ou até as maneiras que se utiliza para coletar os dados, para encontrar as respostas das perguntas norteadoras da pesquisa, além dos caminhos percorridos para realiza-la.

Para Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e logos, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica. (GERHARDT e SOUZA, 2009 p. 12 apud, FONSECA, 2000).

Além disso, para a realização de uma pesquisa são necessários métodos científicos. Sobre isso, são definidos por (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 26) como sendo;

o caminho, a forma, o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos. É o conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa [...] os métodos gerais ou de abordagem oferecem ao pesquisador normas genéricas destinadas a estabelecer uma ruptura entre objetivos científicos e não científicos (ou de senso comum).

É nesse sentido que a minha pesquisa se realizou a partir do Método Indutivo que é definido por (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 28) como sendo “responsável pela

generalização, isto é, partimos de algo particular para uma questão mais ampla, mais geral”. Ou seja, essa generalização surge de observações do campo de pesquisa e, a partir desta observação, se formula uma hipótese para que a mesma seja provada, assim como eu fiz nesta pesquisa. Em outras palavras, o método indutivo me ajudou a observar o ensino de artes em uma escola urbana e uma escola do campo, com o intuito de ver quais relações existentes no ensino entre essas duas realidades, que serão descritas e analisadas no último capítulo desta monografia.

Analisando os conceitos abordados pelos autores, entendo que a pesquisa qualitativa o pesquisador é o principal instrumento da coleta de dados e busca compreender o problema como um todo. Quanto à natureza, utilizei uma pesquisa aplicada, que tem como objetivo “gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Do ponto de vista dos objetivos, realizei uma pesquisa exploratória, como o nome mesmo já diz “exploratória” explorei mais sobre o tema buscando informações sobre o assunto, possibilitando assim mais familiaridade com o objeto de estudo, ou seja, a pesquisa exploratória tem como objetivo principal aprofundar mais a investigação sobre o assunto pesquisado e que se conhece pouco e que, inclusive, pode servir de referências para novos estudos sobre a temática abordada nesta monografia. Portanto, a pesquisa exploratória me possibilitou aprofundar mais sobre o tema que pesquisei nos dois locais de pesquisa elencados nesta investigação.

Pesquisa exploratória: quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Em geral, envolve: - levantamento bibliográfico; - entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; - análise de exemplos que estimulem a compreensão (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52).

Por fim, como complemento dos procedimentos metodológicos que me possibilitaram desenvolver esta pesquisa, utilizei também a pesquisa de campo como procedimento de coleta de dados, em consonância com a observação e o questionário, que me ajudaram a conseguir informações nas escolas para buscar respostas para o meu problema de pesquisa enfatizado nesta investigação. Esse tipo de pesquisa ajuda na observação dos dados e fenômenos, bem

como nas gerações de dados para que os mesmos possam ser analisados e discutidos, produzindo conhecimento acerca do objeto de estudo pesquisado.

2.1 Instrumentos de Coletas de Dados e Análises

2.1.1 Observação

Para a coleta de dados utilizei a observação de quatro aulas de Artes, em uma turma do 9º ano de cada instituição, para ver como se desenvolve o ensino de artes em ambas as escolas. Segundo os autores (ENGEL, GERHARDT, RAMOS, RIQUINHO e SANTOS, 2009, p. 74) aborda sobre a observação:

Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo.

Nesse sentido, um dos instrumentos metodológicos utilizados para coletas de dados da minha pesquisa foi o método observacional. Além disso, buscando ampliar as análises a respeito do objeto de estudo, utilizei também o método comparativo ao fazer uma comparação entre o ensino de artes de uma escola urbana e do campo, com o objetivo de levantar possíveis diferenças e semelhanças entre esses dois espaços educativos a respeito de como as artes são trabalhada já que o método comparativo tem seu objetivo focado na investigação das semelhanças e diferenças de uma determinada pesquisa com esta determinada finalidade e com o intuito de verificar as semelhanças e explicar as divergências (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.38). Com isso, foram observadas 4 (quatro) aulas de Artes, em uma turma do ensino fundamental (9º ano) das duas escolas: campo x urbana, localizadas em Tocantins.

2.1.2 Questionário

Utilizei também o questionário com 10 perguntas semiestruturadas que foi aplicado para o professor de Artes das duas escolas pesquisadas e um grupo de cinco alunos de ambas as turmas (9º ano), com objetivo de analisar quais as concepções dos mesmos com relação a disciplina e as aulas, além de outras informações pertinentes a esta investigação. Como bem ressalta (ENGEL GERHARDT, RAMOS, RIQUINHO e SANTOS, 2009, p. 70) sobre o questionário, “É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de

perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador”.

2.2 Local da pesquisa

2.2.1 Dados da escola do campo

Uma das instituições pesquisadas foi a Escola Estadual Piaçava, localizada no meio rural do município de Nazaré-TO, onde atende as etapas de ensino:

- Educação de Jovens e Adultos - Supletivo
 - Ensino Fundamental - Supletivo
 - Ensino Médio - Supletivo
- Ensino Fundamental
 - Ensino Fundamental - Anos Iniciais
 - Ensino Fundamental - Anos Finais
- Ensino Médio
 - Ensino Médio

A escola do campo atende 155 alunos e compõe-se com 27 funcionários, tem uma boa estrutura para atender a diversidade de alunos, com seis salas de aula, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, biblioteca, banheiro adequado aos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, pátio coberto, pátio descoberto e área verde. Para um melhor desempenho dos alunos, a escola dispõe de computadores, aparelho de som, projetor multimídia (Datashow), câmera fotográfica/filmadora entre outros. Nessa escola localizada no campo, a disciplina de Artes é ofertada apenas no Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) e Ensino Médio (1° ao 3° ano).

Imagem 1- Escola do Campo.



Fonte: Elaborada por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

Imagem 2- Área interna da Escola do campo.



Fonte: Elaborada por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

2.2.2 Dados da escola da cidade

Na escola urbana utilizei como local de pesquisa a Escola Estadual Padre Giuliano Moretti, localizada na cidade de Tocantinópolis-TO, na Rua Manoel Gomes da Cunha, 917, Setor Aeroporto.

A escola Giuliano Moretti atende a seguinte etapa de ensino: os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). É importante ressaltar que a disciplina de Artes é ofertada em todas as etapas de ensino da instituição, e dispõe como dependências:

- 11 salas de aulas
- 32 funcionários
- Sala de diretoria
- Sala de professores
- Laboratório de informática
- Sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE)
- Quadra de esportes coberta
- Cozinha
- Biblioteca
- Banheiro dentro do prédio
- Banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
- Sala de secretaria
- Despensa
- Almoxarifado
- Pátio descoberto

Para um melhor funcionamento da escola, a mesma dispõe de alguns equipamentos como:

- Computadores administrativos
- Computadores para alunos
- TV
- DVD
- Antena parabólica
- Impressora
- Aparelho de som
- Projetor multimídia (*datashow*)
- Câmera fotográfica/filmadora

Imagem 3- Escola Urbana.



Fonte: Elaborada por Cecília Gomes Carvalho (2018).

Imagem4 - Área interna da escola urbana.



Fonte: Elaborada por Cecília Gomes Carvalho (2018).

2.3 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos que fazem parte da minha pesquisa são um professor de Artes da escola urbana e um da escola do campo, além de alunos da turma de 9º ano do ensino fundamental

de ambas as escolas. Os questionários utilizados para coleta de dados da pesquisa foram aplicados a 10 alunos de ambas as escolas, utilizando como critério de escolhas a frequência dos mesmos nas aulas de Artes.

3 ENSINO DE ARTES E EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONTEXTUALIZAÇÃO E PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS

O presente capítulo tem como propósito levantar abordagens sobre temas que fizeram parte da minha pesquisa, com discussões a partir de concepções de autores que enfatizam sobre a Arte-Educação, Educação do Campo e Formação de Professores. Esse levantamento tem como objetivo discutir o histórico da Arte-Educação e formação de professores; bem como na Educação do Campo e as suas lutas e conquistas nos dias de hoje, importante para fundamentar as reflexões produzidas nesta pesquisa.

3.1 Arte-Educação no Brasil

Analisando o histórico da arte-educação no Brasil é possível ver que o ensino de Artes passou por inúmeras fases ou períodos desde a colonização até os dias atuais. Barbosa (2005) discorre que o ensino artístico no Brasil vem com um histórico de um acirrado preconceito, isso fica mais evidente ao observar que as artes de grau superior precede a do ensino primário e secundário, pois a tendência da Educação Brasileira deste século é priorizar determinadas disciplinas do currículo escolar tida como “mais importantes”, e deixando de lado as artes, o que acaba fortalecendo a sua desvalorização nas escolas brasileiras.

Nesse sentido, Barbosa (2016, p. 674) aborda que sempre houve um sistema a ser seguido para o ensino de artes que foi influenciado ou reproduzido modelos europeus, desde a muito tempo da história da educação brasileira. Isso fez com que o ensino de artes estivesse mais relacionado às pessoas de classe média, que aos de classes mais populares. Segundo a autora, somente depois da vinda de D. João VI “É que nos permitiram desenvolver culturalmente”. Assim, com a criação da Academia de Belas Artes, chegaram ao país arquitetos e artistas da França que passaram dez anos espalhando o modelo neoclássico no Brasil.

Barbosa (2016) salienta ainda que a educação primária na escola só começou a ser vista a partir do movimento da Escola Nova a partir de 1927. O movimento passou começou

por discutir sobre a integração da arte no currículo, mais precisamente na integração da arte para todos na escola. Destaca que nessa fase os liberais ainda defendiam um ensino tecnicista para que preparassem as pessoas para o trabalho; já a Escola Nova tinha outra concepção ou tendência de ensino, pois defendia a “arte como um instrumento mobilizador da capacidade de criar, ligando imaginação e inteligência” (p.676).

Um dos mais influentes para com a valorização da arte no período da Escola Nova foi John Dewey, uma vez que “os primeiros escritos de Dewey sobre a arte e o ensino de arte podem ser classificados como naturalista e foram exatamente esses escritos que maior influência exerceram sobre a Arte-educação no Brasil” (BARBOSA, 2016, p. 676). Apesar de Dewey ser um dos mais influentes nesse período para a educação brasileira, não foi o único, visto que houve tantos outros influenciadores para a valorização da arte-educação no Brasil.

Mesmo com tantas influências e reformas que aconteceram em busca da valorização da arte-educação no Brasil, somente a partir da década de 1930 que houve tentativas de implantar escolas especializadas de artes voltadas para crianças e adolescentes, porém é de mera importância ressaltar que a arte era trabalhada como um fenômeno extracurricular (BARBOSA, 2016).

Com esse panorama histórico da Arte-Educação no Brasil é possível ver que é com a “semana de arte e ensino” que os arte-educadores se fortaleceram mais ainda com a criação da linha de pesquisa em arte-educação na Pós-graduação na Universidade de São Paulo, no final da década de 1980, que por 15 anos foi a única a formar Mestre e Doutores em Arte-Educação no Brasil (BARBOSA, 2016). A partir desse momento, as pós-graduações exerceram um papel de grande importância no desenvolvimento da Arte-Educação no país ao produzir pesquisas sobre a área (idem, 2016).

Muitas dessas pesquisas analisam problemas inter-relacionados com a Abordagem Triangular (AT). A abordagem, também chamada de proposta Triangular, começou a ser sistematizada em 1983, no Festival de Inverno de Campos de Jordão-SP. Foi intensamente pesquisada entre 1987 e 1993 no Museu de Arte Contemporânea da USP e na Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, quando Paulo Freire foi Secretário (BARBOSA, 2016, p. 685).

Nesse período teve importância a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa, que se refere a uma epistemologia focada na valorização do desenvolvimento da identidade cultural, da cognição e percepção da arte. Essa abordagem foi importante e ainda se mostra relevante nos dias de hoje, pois ao abordar a contextualização, a leitura e o fazer artístico, possibilita, a partir dessa tríade, trabalhar e produzir conhecimento sobre as artes na

educação brasileira, valorizando essa área e tornando o indivíduo mais crítico, autônomo e com conhecimento artístico e estético sobre as diferentes manifestações artísticas que fazem parte de seu meio social e cultural.

3.2 A importância da arte no contexto escolar

Analisando textos que enfatizam sobre a importância da arte para a construção social do ser humano, é possível ver que ainda não há um ensino de artes de qualidade nas escolas, uma vez que “pelo viés do método bibliográfico, conclui-se que a arte-educação no Brasil vem sofrendo um processo de descrédito devido às ações políticas presentes na história do país” (BERTOLOTO; CAMPOS; MONTEIRO, 2017, p. 583), e é sobre essa desvalorização da arte na escola que a autora Barbosa (2005, p. 291) enfatiza em seu artigo:

O ensino da arte de melhor qualidade não está nas escolas, mas nas Organizações Não Governamentais (ONGs), que buscam a reconstrução social de crianças e adolescentes. No Brasil, todas as ONGs, que têm obtido sucesso na ação com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade, estão trabalhando com arte e até vêm ensinando às escolas formais a lição da arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano.

Ou seja, como se sabe é a escola que tem o papel de estabelecer uma visão mais crítica e construtiva nos estudantes, e que a disciplina de Arte deve ser trabalhada nessa perspectiva. Porém, a escola ainda visa em seguir rigorosamente o currículo estabelecido para a escola tradicional, isto é, “maior valor parece ser hoje a obediência a um currículo nacional e aos instrumentos de controle do Estado (os testes e exames), como manda o credo neoliberal, e não o estímulo para aprender a aprender” (BARBOSA, 2005, p. 292).

Outro grande fator que contribui para a desqualificação da arte nas escolas é a visão que ainda está impregnada na maioria das pessoas de que a disciplina de Artes tem como principal objetivo estudar as grandes obras mundiais, ou seja, as riquezas artísticas de apenas uma cultura, ou mesmo, sendo baseada apenas em desenho ou pintura, deixando de lado o seu papel fundamental de estabelecer uma visão crítica nas pessoas.

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a

capacidade crítica e assim analisar a realidade percebida, pela criatividade, de modo a mudar de alguma forma a realidade que foi analisada (Barbosa, 2005, p. 292).

Nesse sentido, é preciso que a arte tenha outro papel de transformação e relevância na escola, que tenha como foco tornar os sujeitos críticos para analisar o ambiente em que vivem e conseguir através da arte mudar essa realidade que muitas vezes não é das melhores, isto é, “desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade todos esses são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte” (BARBOSA, 2005, p. 293).

A autora enfatiza também sobre vários projetos de artes de várias Organizações Não Governamentais (ONGs) que são realizados em todo o mundo, abordando a grande importância dos mesmos para a reconstrução social de jovens e adolescentes, buscando assim combater a exclusão e violência desses sujeitos. Barbosa (2005, p. 298), ainda faz uma crítica de algumas pesquisas relacionadas ao ensino de artes nas escolas que, se seguissem essas ONGs, poderiam ter melhores resultados acerca do ensino de artes trabalhado nelas:

Há ainda pesquisas em teses ou livros, de abordagem muito ampla, e que pretendem oferecer um diagnóstico sobre a situação do ensino da Arte. São em geral inúteis, só provam o que a gente já sabe e, se não sabe, pode detectar a olho nu – é só prestar atenção. Há também muita lamúria sensibilizante. O discurso da necessidade da arte para desenvolver a sensibilidade está atrasando o pensamento crítico sobre o ensino de Arte. Se a explicitação do papel da Arte para o desenvolvimento dos sentidos fosse mais científica, ocuparíamos, em termos de pesquisa, um patamar mais elevado.

Ou seja, a autora critica aquelas pesquisas que tentam apenas diagnosticar como está sendo o processo de ensino de artes, sem que haja uma reflexão mais ampla no sentido de que a arte serve para tornar o ser humano sensível, crítico e de amplo conhecimento estético, ou até mesmo, que a arte é conhecimento.

3.3 Educação do Campo

Nessa discussão sobre o ensino de arte, não se pode deixar de lado a Educação do Campo. Nessa diretriz, o histórico da educação do campo vem sendo enfatizada quando aconteceram muitas transformações nos centros urbanos como a urbanização e a

industrialização, provocando uma grande migração do campo para a cidade (SILA; GUERSON, 2018).

Com todo esse problema a maioria dos camponeses não conseguia trabalhar e estudar, então havia cada vez mais a migração para os centros urbanos em busca de melhores oportunidades de vida, inclusive, de trabalho e educação.

Diante disso, a única solução para o problema era que fosse criado um novo modelo de educação com condições de atender as especificidades do homem do campo daquela época. A partir desse contexto que aconteceu na história da educação dos povos do campo, as pessoas começaram a ver que precisavam de um novo projeto de educação em que os camponeses pudessem estudar e trabalhar: a educação do campo fundamentado pela pedagogia da alternância. (SILA; GUERSON, 2018). Ou seja, analisando essa questão do surgimento da educação do campo, fica visível ver que essa luta está ligada de alguma forma a tantas outras lutas referentes a propostas para a mudança social e que valorizem os saberes, a identidade e a cultura do camponês.

A luta por uma Educação Básica do Campo com objetivos na valorização dos povos do campo começa a ser mais vista a partir do momento em que o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) reforçaram a luta pela reforma agrária e começaram a entender que a luta por uma educação do campo também fazia parte desse movimento. Com isso, passaram a entender que era direito dos povos do campo uma educação de qualidade, e para eles, a partir daí as famílias que faziam parte desse movimento começaram a se mobilizarem para lutarem por uma educação “do” e não “no” campo, ou seja, que levasse em consideração a realidade daqueles povos, pois “as famílias sem-terra mobilizaram-se (e mobilizam-se) pelo direito à escola e pela possibilidade de uma escola que fizesse diferença ou tivesse realmente sentido em sua vida presente e futura” (CALDART, 2003, p. 62).

Nesse sentido, o MST é um movimento que lutou (e lutam) para conquistar escolas e atribuí-las propostas pedagógicas específicas para os povos do campo, por escolas que tenham educadores e educadoras que tenham formação na área para trabalhar com esses sujeitos. Desse modo, os Sem-Terra passaram a ter um olhar mais amplo sobre a conquista de escolas para a sua população, ao refletirem também que tipos de escolas seriam benéficas para eles, uma vez que “não seja uma escola qualquer; e a escola passou a ser vista como uma questão também política, quer dizer, como parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento com a formação dos sujeitos” (CALDART, 2003, p. 63).

No começo os sem-terra acreditavam que se organizar para lutar por escola era apenas mais uma de suas lutas por direitos sociais; direitos de que estavam sendo excluídos pela sua própria condição de trabalhador sem (a) terra. Logo foram percebendo que se tratava de algo mais complexo. Primeiro porque havia (como há até hoje) muitas outras famílias trabalhadoras do campo e da cidade que também não tinham acesso a este direito. Segundo, e igualmente grave, se deram conta de que somente teriam lugar na escola se buscassem transformá-la. Foram descobrindo, aos poucos, que as escolas tradicionais não têm lugar para sujeitos como os sem-terra, assim como não costumam ter lugar para outros sujeitos do campo, ou porque sua estrutura formal não permite o seu ingresso, ou porque sua pedagogia desrespeita ou desconhece sua realidade, seus saberes, sua forma de aprender e de ensinar. (CALDART, 2003, p. 63).

Em outras palavras, o movimento lutava para uma educação de qualidade para os povos do campo, porque já se davam conta de que não seria apenas o Sem-Terra que viviam (ou vivem) essa realidade, passaram a lutar não só para eles, mas também para todos aqueles sujeitos que não tinha acesso à educação: ribeirinhos, quilombolas, assentados, indígenas, entre tantos outros que vivem no campo e tem nesse território o lugar onde produzem o seu sustento e o seu trabalho.

Essa questão da educação do campo passou a ser muito mais complexa, porque eles não queriam apenas que tivessem escolas do campo, em assentamentos ou acampamentos, pois eles lutavam por uma educação que valorizasse o sujeito como ele é que levasse em consideração a realidade dos camponeses, pois achavam que a escola tradicional desrespeitavam os povos do campo, uma vez que ela sempre quer que os educandos se adequem a escola, a suas metodologias, cultural, e é sobre essa adequação que a autora também se posiciona de que: “é a escola que deve ajustar-se, em sua forma e conteúdo, aos sujeitos que dela necessitam; é a escola que deve ir ao encontro dos educandos, e não o contrário” (CALDART, 2003, p.63).

Todavia, a luta desse movimento para a conquistas de escolas tiveram outros objetivos, pois passaram a lutar não somente por escolas, mas para que nelas fossem implantadas propostas que caberia aos povos do campo, que acolhessem esses sujeitos como tal e que trabalhassem na perspectiva de construção de conhecimentos a partir da identidade, saberes e realidade de cada um, por meio de uma educação libertadora, que tanto defendia Paulo Freire.

Da mesma forma que a luta pela terra precisa ser feita e conduzida pelos próprios sem-terra, “o processo de construção de uma escola que se misture com esta luta precisa ser obra dos mesmos sujeitos” (CALDART, 2003, p. 65), A luta por escolas do campo seja em assentamentos ou acampamentos deve ser organizados por sujeitos que vivem aquela

realidade, pois são eles próprios que conhecem a história, a identidade e os saberes dos seus povos, mas não quer dizer que não possa haver um diálogo pedagógico com outros sujeitos, até porque lutar por direitos é papel de toda a sociedade em conjunto. “É a sociedade como um todo que tem o dever de construir tanto escolas do campo como escolas da cidade, quer dizer, escolas inseridas na dinâmica da vida social de quem dela faz parte” (CALDART, 2003, p. 66). A autora aborda também que:

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se é assim, ajudar a construir escolas do campo é, fundamentalmente, ajudar a constituir os povos do campo como sujeitos, organizados e em movimento. Porque não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro (CALDART, 2003, p. 66).

Quando falam em escolas do campo já se tem logo em mente que devem ser construídas escolas diferentes das outras, mas se sabe que não se trata de diferença, mas sim de escolas com perspectivas, práticas pedagógicas de acordo com a realidade dos povos do campo, e ainda dando possibilidades a eles de terem acesso à educação sem necessidade de sair do campo para consegui-la. É de mera importância enfatizar também que a escola do campo seja vista como um lugar de emancipação dos sujeitos, de troca de conhecimento e saberes de valorização da cultura onde os sujeitos tenham possibilidade de conhecer quais seus direitos enquanto cidadãos e aprender a lutar por eles.

O objetivo principal do MST sempre foi a luta pela Reforma Agrária, e foi no decorrer dessas lutas pelos seus direitos que o movimento conseguiu ver que a escola seria uma base para que eles conquistassem melhorias. A escola passou a ser vista como um espaço de conhecimentos, porém, mesmo a escola sendo mais valorizada pelos camponeses, ela ainda não tinha sido vista com a verdadeira finalidade, e é então sobre essa valorização que (CALDART, 2003, p.69) enfatiza que;

Ao mesmo tempo em que passam a valorizar mais a escola, e a lutar com mais consciência pelo direito a ela, os Sem Terra se distanciam daquela outra visão, igualmente ingênua, de que a escola é ou pode ser o centro do processo educativo demandado pelos desafios desta realidade complexa. Quanto mais largo o horizonte para o qual olhamos, mais conseguimos enxergar a dimensão e o tempo da luta que nos aguarda. Desta forma, quando nos damos conta de que estamos trabalhando no meio de uma história sem saber o fim, fica mais fácil de perceber a importância de uma

formação que considere a pessoa como um todo, e ao longo de uma vida inteira. Valorizar a escola como uma dimensão importante desta formação mais demorada, é uma decorrência mais ou menos natural deste processo, pelo menos numa sociedade que incorporou com tanta força a escola em sua cultura, seu modo de vida.

Nessa direção, a escola do campo deve ser construída com a perspectiva de formar sujeitos para lutar por seus objetivos. Deve ser trabalhada com questões muito amplas, visto que “é preciso olhar para as ações ou práticas sociais que são constitutivas dos sujeitos do campo” (CALDART, 2003, p. 71). Mas, também “é preciso olhar para o movimento social do campo como um sujeito educativo, e aprender dos processos de formação humana que estão produzindo os novos trabalhadores e lutadores dos povos do campo” (idem).

Nessa discussão, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) tem a sua relevância. Foi criado para ajudar na reflexão e construção de uma educação do campo através de lutas dos movimentos sociais em busca de políticas públicas que visam à luta por uma educação do campo. O programa também traz reflexões e debates sobre quais concepções estão sendo referidas a esse projeto, pois “é preciso que seja debatido primeiro o seu conceito” (CALDART, 2008, p. 68). Relacionando o PRONERA com a educação do campo, a autora aborda que;

O Pronera tem práticas e se projeta como política que afirma determinada concepção de educação de Educação do Campo. Os sujeitos que o constituem estruturalmente o colocam como guardião das concepções originárias da Educação do Campo. E, pela sua natureza, esse papel tem a ver com alguns *desafios práticos projetivos*, diante dos quais deverá tomar posição prática/ política/ teórica (CALDART, 2008, p. 85).

O programa completa 10 (dez) anos de criação e vem ajudando principalmente na reflexão das concepções atribuídas à educação do campo, na construção de políticas para construção dessa educação, uma vez que também traz debates muito amplos sobre a “formação de educadores, Educação Profissional, democratização do acesso à Educação Superior, escolas públicas de educação básica no (e do) campo versus transporte escolar e versus ausência da oferta/fechamento de turmas e de escolas do campo” (CALDART, 2008, p.85-86).

Além disso, o PRONERA vem ajudando e pensando desde a formação dos professores, ou seja, nas possibilidades de políticas que visem à formação de educadores do campo de qualidade e levando em consideração a realidade em que se encontram os sujeitos,

até ações de políticas que possam implantar escolas nas áreas urbanas, mas escolas que sejam do e para os povos do campo.

Com esse histórico de desvalorização do ensino de artes e da educação voltada para os povos do campo, é possível analisar as dificuldades de se juntar esses dois ensinamentos, ou seja, se a educação do campo já é tão desvalorizada imagine como a luta por um ensino de artes nesse contexto.

Sabe-se que o campo sempre foi um lugar esquecido e, se tratando da arte nesse contexto, percebe-se que ainda não é vista como importante para os povos do campo, uma vez que essa divisão vem sendo feita por aqueles que recebem uma educação na cidade, o que não é certo nem adequado. É preciso que se reflita sobre essas questões, já que a arte é de suma importância para todos os seres humanos sem distinção, pois ela “é essencial no contexto campesino como é essencial na vida de todo ser humano” (GUERSON, 2018, p. 16).

Nesse sentido, fica ainda mais explícito que a arte não se faz importante apenas para uma parcela da população, isto é, aquelas inseridas em um contexto urbanizado. A arte também tem sua função construtora e multiplicadora para os povos campestres, pois é possível encontrar arte nos artesanatos que eles fazem, nas músicas que produzem e cantam, nas misticas entre tantas outras manifestações culturais de seu povo. E é sobre isso que abordarei no próximo tópico.

3.4 Inserção das artes na Educação do Campo

Pensando nessa inserção da arte na educação do campo é preciso que se pensem na questão da formação dos artes-educadores do campo, para que os mesmos sejam os primeiros a refletirem ou problematizem todas essas questões que norteiam o ensino voltado para os povos do campo, pelo viés artístico.

Como ressalta (GUERSON, 2018) quanto a formação dos arte-educadores do campo, é preciso que se tenha um entendimento de todas as relações do ensino do campo, da realidade e como trabalhar a partir da arte essa valorização da cultura local deles, por meio de subsídios para a construção de identidades de seu povo, mas sem desconsiderar o acesso a outros saberes e culturas, pois como todo ensino, principalmente de artes, deve ter a função de aberturas de visões para problemáticas de outros contextos, o que enriqueceria a produção de conhecimento sobre a arte do campo.

Nesse sentido, na educação do campo, assim como em outras realidades de ensino, a arte deve ser trabalhada como um suporte para que se explore a sua cultura e saberes, ou até

mesmo, valorizem os trabalhos de artes visuais dos povos do campo, a partir do ensino de artes. Entendo que é uma problemática que vem sendo debatida para que se haja a inserção da valorização do ensino da arte no contexto campesino.

Assim, para que se haja uma educação do campo, com epistemologias que compreendem os povos do campo com suas especificidades é preciso estar em luta, com pesquisas, debates com justificativa para mostrar o quanto essa educação sofre uma desvalorização em seu meio, o quanto às vezes é negada pelo poder público.

Nessa direção, é necessária também uma luta maior ainda para a valorização da arte no contexto escolar, não apenas urbano, mas principalmente do campo. Quando se passa a compreender a grande importância do ensino de artes, possibilita compreender que a mesma possui seu papel importantíssimo no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, ao ampliar a formação cultural e estética deles, além de torná-los mais autônomos nas produções artísticas e de conhecimento mais rico acerca da arte que produzem em seu território.

Diante do exposto, um dos desafios centrais que se coloca para a inserção das Artes Visuais na Educação do Campo brasileira é o entendimento das especificidades da área, com migração dos aportes teórico-metodológicos existente para o contexto específico das escolas do campo, além da “reconfiguração” de novos aportes, próprios para os ambientes educacionais estabelecidas em áreas rurais (GUERSON, 2018, p. 36).

Nesse sentido, o que se percebe é a complexidade da problemática que envolve a educação do campo e suas especificidades de inserção das artes visuais, já que a mesma não se trata apenas de pesquisas envolvendo essa abordagem, é mais que isso. É necessária uma “reconfiguração” dos aportes teóricos para que esses sejam reconstituídos em epistemologias próprias da educação do campo, ou seja, é preciso que a arte atenda também as especificidades e realidades do povo do campo.

3.5 Formação de Professores

Ao analisar o ensino de arte atualmente pode se ver que a maioria dos professores que lecionam a disciplina de Arte não tem formação adequada na área. Começa a partir daí uma desvalorização e desqualificação com ensino de arte no contexto escolar, pois muitas vezes eles lecionam como complemento de carga horária, dentre tantos outros motivos. A formação do arte-educador é de mera importância para um melhor ensino de artes nas escolas, pois

Uma educação com arte precisa trazer arte de qualidade para os alunos, para que a identidade da criança e do jovem possa reconhecer-se nessas referências e na força dessas criações, para que os alunos percebam como é importante ter autoria nos próprios trabalhos, protagonismo nas formas, ações e escolhas em arte (IAVELBERG, s/d, p. 26-27).

Diante disso, a formação do arte-educador na área de artes possibilitará uma concepção sobre a importância desse ensino, que valorize o aluno com as suas especificidades, partindo do contexto em que estão inseridos para compreender o seu papel de mediador no processo de ensino e aprendizagem deles.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS NAS ESCOLAS DA CIDADE E DO CAMPO

Este capítulo tem como finalidade descrever o processo de coleta e análise dos dados obtidos sobre as observações e questionários utilizados na minha pesquisa, que foram realizadas na Escola Estadual Giuliano Moretti (Tocantinópolis-TO) e na Escola Estadual Piaçava (Nazaré-TO), com o objetivo de analisar como a arte está sendo trabalhada numa escola urbana e em uma escola do campo. Além disso, busco compreender a concepção dos alunos e professores sobre a arte nessas duas escolas. É importante ressaltar que as duas escolas foram escolhidas em municípios diferentes pelo fato de não ter escolas do campo que atendem a etapa de ensino “Ensino Fundamental II” onde eu pretendia realizar tal pesquisa, no município de Tocantinópolis onde resido.

4.1 Relato de experiência da Escola Urbana

O meu primeiro contato com a escola “urbana” em que pretendia realizar minha pesquisa aconteceu no dia 25/07/2018 e, ao chegar nela, perguntei para a agente de portaria em qual sala encontraria a diretora. Ela me levou lá para conversar com ela. Apresentei-me a ela como estudante da UFT (Universidade Federal do Tocantins), falei sobre a minha proposta de pesquisa e da autorização feita pelo professor orientador. Contudo, fiquei surpresa, porque ela não aceitou, disse que eu tinha que ter a autorização da DRE (Diretoria Regional de Educação) da cidade. Então fui até a DRE em busca dessa autorização, chegando lá solicitei a recepcionista para conversar com a secretária. Esperei alguns minutos até ela me atender. No atendimento me perguntou o que desejava e expliquei para ela que eu precisava de uma

autorização para a realização da minha pesquisa. Foi então que a mesma me transferiu para conversar com outra funcionária da DRE que, segunda ela, resolveria a minha situação.

Esperei mais alguns minutos, então quando entrei na sala e conversei com a funcionária, expliquei a atual situação e ela já foi logo me falando que não precisava de autorização e que iria conversar com a diretora da escola por mensagem. Esperei então um tempo em que ela conversava com a diretora, depois de alguns minutos a funcionária me liberou e disse que eu poderia ir à escola.

Depois, voltei à escola e a diretora logo me autorizou a realizar esta pesquisa. Aproveitei esse momento e falei que iria começar a minha pesquisa apenas no mês de Setembro. Antes de ir embora, perguntei pelo PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola e ela me disse que o mesmo ainda estava em fase de construção, mas que iria me disponibilizar por e-mail. A diretora aproveitou a oportunidade para me mostrar o horário das aulas de Arte, e escolhi realizar minhas observações no horário vespertino. Contudo, ela me pediu para ficar com a professora do turno matutino, já que ela tinha formação em Letras e estava mais apta a lecionar as aulas de artes, visto que o outro professor que lecionava Arte era formado em educação física. Ou seja, nenhum dos professores que atuavam nessa escola na disciplina de Arte era formado nessa área.

O que se percebe com essa questão da formação dos professores desta atual escola é a grande desvalorização da disciplina já que a mesma é ministrada por professores que não tem formação sobre a arte. Porém, essa é uma questão muito ampla, pois a desvalorização não começa nas escolas, mas sim por meio de políticas públicas como ressalta (BATISTA, 2014) “há carência de políticas públicas para a formação do professor de arte, incentivo e apoio”, ou seja, o que pode ver é que desde sempre a arte/educação no Brasil é meramente desvalorizada.

Com esse atual panorama da carência na formação dos professores do ensino de arte nas escolas, o autor ainda destaca ainda que;

O Processo de Formação dos Professores para o Ensino da Arte não está atrelada à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5.692/71, a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino da Arte nas escolas e colégios de I e II Graus mesmo com a criação dos Cursos de Licenciatura Curta em Educação Artística em 1970. Mas é importante destacar que desde a década de 1950 esse processo de formação já acontecia de forma sutil em que as conhecidas escolinhas de arte, através de movimento tornou-se o MEA-Movimento das Escolas de Arte normalmente conduzidas pelo município, tinham uma formação inicial e continuada, envolvendo mais particularmente os professores que atuavam no I Grau. (BATISTA, 2014, p.3)

O que se pode ver é que mesmo com a aprovação da lei da obrigatoriedade do ensino de artes nas escolas (Lei n. 9.394/96), não se torna “obrigatório” também à formação de professores para estarem aptos a este ensino, o que pode ser visto claramente na escola em que realizei a minha pesquisa, mesmo tendo o conhecimento da existência de vários cursos de Licenciatura em artes no Tocantins, em Universidades Federais do Tocantins, e em Universidades particulares.

Assim, concordei em realizar a pesquisa no período matutino e a diretora logo chamou a professora para me apresentar. Na sequência, conversamos e combinamos de observar as aulas de Arte. Depois de alguns dias, a diretora me enviou um e-mail com o PPP, dizendo que nesse documento não havia nenhum dado da escola, apenas algumas ações que seriam realizadas, o que me causou estranheza, pois fiquei com a impressão de que a diretora não queria me fornecer informações da escola.

1º Dia de Observação

No dia 30 de agosto de 2018 fui até a escola para realizar a primeira observação, cheguei ainda na hora do intervalo. Aproveitei para observar o espaço físico da escola já que não me disponibilizou o PPP para saber os dados dela. Pude observar que a mesma tem uma boa estrutura, com um grande pátio e uma quadra de esporte coberta, muitas salas entre outras informações. Depois que finalizou o intervalo, esperei o coordenador para me levar até a sala de aula, pois não sabia qual a sala que eu iria observar as aulas de Arte.

Ao entrar na sala a professora já estava realizando a frequência, para não atrapalhar entrei e sentei rapidamente. Posteriormente, a professora me apresentou aos alunos, como estudante da UFT e pesquisadora. Começou então a explicar que seria uma aula prática realizada na quadra da escola, pois tem um grande espaço e que seria feito uma atividade para a construção de uma “Câmara Escura”.

Em seguida fomos todos para a quadra de esportes para começar essa atividade. A professora entregou um papel impresso para os alunos que mostrava passo-passo de como construir esse trabalho. Pude observar que a maioria dos alunos não tinha material, já que os mesmos deveriam ser trazidos pelos alunos anteriormente, segundo a professora. Apenas uma parte dos alunos estava participando da aula, e outros estavam totalmente dispersos. Após encaminhar a proposta da atividade para eles a professora veio me entregar o papel com o passo a passo dessa atividade, ao dizer que o conteúdo trabalhado com aquela aula prática era “fotografia”.

Um dos pontos observados foi a pouca participação dos alunos e o desinteresse da maioria para a realização da atividade proposta. Entendo que metodologias que chamem a atenção dos alunos pode levá-los a interagirem mais uns com os outros e com a aula. Entendo que a falta de materiais adequados também foi um grande problema que afetou o bom desenvolvimento e a participação na aula, já que na construção da câmara escura, apenas alguns trabalhavam, enquanto os outros só ficavam olhando e não realizavam nenhuma ação. É importante também que os alunos participem mais das aulas, ajudando a professora a desenvolver as atividades de artes, pois, embora haja falta de materiais, é relevante os estudantes também fazerem parte desse processo. A imagem a seguir mostra os alunos que estavam participando da aula;

Imagem-5 Alunos participando da aula.



Fonte: Elaborada por Cecília Gomes Carvalho (2018).

Com a minha primeira observação, analiso que a disciplina de Arte deve ser vista com mais importância por parte da escola e principalmente por parte dos professores que a ministram, que tenham mais metodologias que possibilitem o educando a participar das aulas e a se interessar pelo conteúdo. Entendo essa realidade como fruto mais uma vez da desvalorização para com a arte e principalmente das consequências da não formação dos professores nessa área.

Como ressalta (NASCIMENTO, CAVALCANTE, 2012, p. 3) “A prática é entendida como instrumentalização e desenvolvimento de habilidades”, isto é, entendo que principalmente nas aulas de artes, deve ser primordial a simultaneidade da relação entre teoria-prática, pois, como tive a oportunidade de observar uma aula prática, constatei que a professora não possibilitou aos alunos a se relacionar com o fazer artístico, importante para auxiliar no processo cognitivo dos educandos. Sobre esse fazer artístico, Tinoco (2010) afirma que;

O fazer artístico é o momento de colocar a mão na massa! Aqui entram a expressividade individual, o pensamento criativo teórico e a experimentação de materiais diversos. O fazer artístico não pode ser pensado como atividade desconectada das demais ou como uma produção única partir de uma motivação. (TINOCO, 2010, p.90 apud ARAUJO, 2014).

Diferente do que afirma Tinoco, pude ver que não foi isso que aconteceu na aula prática observada, pois além de apenas poucos alunos participarem, podia se notar uma atividade desconectada até mesmo de quem a estava produzindo.

Na aula ministrada entendi que é importante o professor tentar fazer uma aula diferente com os alunos, ou seja, chamar a atenção deles por conteúdos interessantes e metodologias adequadas para fazer com que eles participem e queiram aprender. O fato de não ter quase nenhum material para trabalhar, não é culpa da docente, mas do poder público em não investir muito nessa área nas escolas brasileiras. Observei também que a professora muitas vezes realizava as atividades que deveria ser feita pelos os alunos, como, por exemplo, cortar e colar as caixas que produziria a câmara escura. Dentre os 20 alunos que fazem parte da turma observada, apenas 10 (dez) estavam participando e, entre esses, 2 (dois) eram do sexo masculino. As imagens abaixo mostrarão os alunos realizando a atividade e a “Câmara Escura” construída por eles.

Imagem- 6 Alunos construindo câmara escura.



Fonte: Elaborada por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

Imagem -7 Câmara Escura construída pelo os alunos.



Fonte: Elaborada por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

2º Dia de Observação

No dia 6 de setembro voltei à escola para observar mais uma aula de artes, mas ao entrar na mesma, pude ver que não estava havendo aula, pois todos os alunos estavam na quadra de esportes. Nesse momento, a porteira da escola me informou que não estava tendo “aula normal”, pois estava acontecendo o intercalasse na escola. Com essa informação, fui até a professora e ela me falou que eu poderia ir à próxima aula. Ou seja, ficou evidente que as aulas de Arte não são importantes, pois, como misturar atividades esportivas nos mesmo horário dessas aulas? Uma é mais importante que a outra? O que precisa ficar claro é que todas as disciplinas curriculares têm a sua devida relevância para a formação do aluno, porém, umas não podem ser “mais relevantes” que outras e, também, não dá para interromper aulas de uma disciplina que se tem apenas uma vez por semana, ao contrário da maioria do currículo, pois o maior prejudicado nisso é o aluno.

No dia 13 retornei novamente para a escola com o intuito de realizar a minha segunda observação. A aula de Arte da turma começava apenas às 10h00min horas da manhã. Assim, quando cheguei à escola, ainda estava no intervalo, fiquei então no corredor esperando o sinal tocar para poder ir pra sala de aula. Quando o sinal tocou, veio até mim uma das coordenadoras da escola, perguntando se era eu que estava observando as aulas da professora, e respondi que sim. Foi então que ela me informou que a professora não tinha comparecido nesse dia, mas que tinha deixado uma atividade para eu trabalhar com os alunos.

Em primeiro momento fiquei preocupada e me perguntei: e agora? Como aplicarei essa atividade se eu compareci apenas para observar a aula? Muitos questionamentos surgiram. A coordenadora me entregou a atividade e eu segui para sala de aula. Ao chegar lá, pude notar que pouquíssimos alunos se encontravam nesse dia. Esperei um tempo até os alunos entrarem na sala. Em seguida expliquei que a professora não compareceria a aula e que eu aplicaria uma atividade que ela tinha deixado. Assim, olhei do que se tratava a atividade e entreguei aos alunos.

Era uma atividade de escrita que tinha como tema “o folclore brasileiro”, da qual os alunos teriam que ler o texto e responder as questões, completar as frases, preencher as cruzadinhas, visto que todas estas questões as respostas seriam retiradas do próprio texto. O que analisei nesta segunda observação é que o ensino de artes nesta escola não teve muito avanço quanto à valorização e a importância da arte no contexto escolar, pois pude notar que o ensino não teve muita diferença de 8 (oito) anos atrás, época essa que tive a oportunidade de estudar nesta mesma instituição onde realizei a minha pesquisa. Ou seja, parece que o ensino dessa disciplina na escola da qual estudei, ficou “parado” no tempo.

Lembro-me ainda claramente destas atividades que estimulam pouco os alunos a refletirem sobre as questões abordadas nelas, pois elas fazem com que os educandos apenas copiem do texto e repassem para o papel, sem nenhuma reflexão do que estão fazendo, o que caracteriza um ensino essencialmente tradicional. A figura abaixo mostra a atividade realizada na aula.

Imagem 8- Atividade sobre o Folclore

22 DE AGOSTO: DIA DO FOLCLORE

O Folclore é festejado no dia 22 de agosto, a uma festa típica na qual são reunidos os costumes e as tradições populares, como lendas, provérbios, danças, artesanato, canções, contos, jogos, brincadeiras, mitos, superstições entre outras atividades culturais. O folclore consiste na compreensão do modo de vida de determinado povo. Em 1965, o Congresso Brasileiro oficializou o dia 22 de agosto como o Dia do Folclore, numa justa homenagem à cultura popular brasileira. A palavra folclore tem origem no inglês antigo sendo que "folk" significa povo e "lore" quer dizer conhecimento cultural.

O folclore brasileiro, portanto, é a cultura de nosso povo e não há nada mais nacional do que ele. Afinal, ele é precisamente o conjunto das tradições culturais dos contemporâneos, costumes, danças, canções e lendas dos brasileiros de norte a sul. Formado pela mistura de elementos indígenas, portugueses e africanos, a cultura popular brasileira é riquíssima.

O folclore é importante porque através de suas manifestações pode-se conhecer a cultura e a tradição de povos antigos e modernos. O folclore é a expressão da vida cultural, antiga, presente nos dias de hoje. As crianças, muitas vezes, superstições e contos populares são parte da história da humanidade, as pessoas, em todas as culturas, buscam e buscam a história do povo e a essência do que é humano. Assim, as crianças, as lendas e as histórias fazem presentes no nosso cotidiano, mesmo que não tenham origem na medicina popular, na religião, nos dialetos populares, nas superstições e nas histórias que sempre acontecem em algum momento da vida. Essas manifestações são de autoria desconhecida e passaram através dos tempos, de boca em boca, de geração em geração. Na área musical, por exemplo, são numerosos e muito variados os ritmos e músicas desenvolvidos em nosso país. E o caso do fado, do samba, do pagode, da música sertaneja.

Há ainda as danças típicas das festas populares, como o bumba-me-boi, o forró, a congada, a quadrilha e o caso do pérego-caravel, um verdadeiro símbolo de nosso país. Um dos aspectos mais interessantes do folclore brasileiro, porém, são os seres sobrenaturais que povoam as lendas e as superstições da gente mais simples. O mais popular é o SAO, um pequeno ser humano, mas há vários outros seres fantásticos em nosso folclore: o Curupira, um anão de cabelos vermelhos, que tem os pés ao contrário; a Mãe sem cabeça, que solta fogo pelas narinas; a Boinha, cobra gigantesca capaz de engolir como todas; e o Lobisomem, o sinistro filho homem de um casal, que vive lobo nas sextas-feiras de luas cheias, entre outros.

ATIVIDADES:

- O folclore é festejado no dia _____ de agosto.
- Folclore é uma lista típica na qual são reunidos os _____ e as tradições populares.
- O folclore consiste na compreensão do modo de vida de determinado povo.
- Em 1965, o Congresso Brasileiro oficializou o dia 22 de agosto como o Dia do Folclore para homenagear a _____ cultura brasileira.
- O folclore brasileiro é a _____ de nossa cultura e das tradições de povos antigos e modernos.
- Muitas manifestações folclóricas são de autoria _____ e passaram de geração em geração.
- Folclore pode ser considerado um conhecimento _____.
- Lenda é uma história que não pode ser comprovada.
- Da a lenda que é a mulher do padre.
- Muitas pessoas acreditam em mitos e lendas porque buscam explicações para o que não entendem.
- Os mitos, lendas e histórias também estão presentes na religião e na cultura popular.
- São todos os costumes e tradições de um povo.
- Curupira, Boinha, Mãe sem cabeça, etc são _____ indígenas.

RESPOSTA:

1. A música sempre faz parte do nosso folclore. Retire do texto alguns elementos importantes para a nossa cultura popular.
2. Cite 3 exemplos de personagens que fazem parte do folclore brasileiro.
3. Cite 3 seres sobrenaturais que fazem parte do nosso folclore.
4. O que é o folclore?
5. O que significa a palavra folclore?
6. Elementos de qual cultura formam a cultura popular brasileira?
7. Por que o folclore é importante?

Escreva os espaços os componentes dos costumes e tradições populares que fazem parte do folclore.

3	D
8	I
4	A
9	
1	D
10	C
12	O
5	L
11	C
13	L
2	O
7	R
6	E

Fonte: Elaborada por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

Imagem-9 verso da folha, da atividade sobre o folclore.

- Quem é que solta fogo e abraça sua cheta?
- Apresenta muito e gosta de abraçar na sarau?
- Quem é que paga a taxa que não dorme cedo?
- Quem é que abraça as matas e tem os pés virados para trás?
- Quem é que fica sem entender quando alguém grita?

1. Como se chama o ruído protetor das matas?
 2. Quem é o diabinho que entende tudo de ervas?
 3. Quem é que assombra casas perto de igrejas?
 4. Qual a fruta preferida do Curupira?
 5. Que cor é o gorro do São?

Word search grid:

S	X	A	G	R	V	E	O	R	C	O	R	E
A	E	C	U	R	U	P	I	R	A	P	M	J
S	J	P	M	E	M	U	B	S	G	F	I	S
M	U	L	A	S	E	M	C	A	B	E	Ç	A
I	P	O	N	H	A	J	E	R	I	X	E	C
E	I	X	G	I	B	L	N	U	G	A	L	I
R	R	G	A	N	V	E	R	M	E	L	H	O
U	A	P	J	B	A	P	O	S	Z	A	O	L

Fonte: Elaborada por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

4.2 Análises dos questionários dos alunos da escola da cidade

Os alunos foram indagados a algumas questões através de um questionário com 7 perguntas semiestruturadas, com o intuito de analisar as concepções que eles têm sobre a arte. Essas foram as suas respostas:

Aluno “A”

Arte é uma imagem, um desenho, uma pintura e etc.

Aluno “B”

Danças, pinturas e desenhos.

Aluno “C”

É fazer uns desenhos bonitos.

Aluno “D”

Arte pode ser várias coisas, como teatro, sapateado e etc.

Aluno “E”

Arte é uma dança, teatro, música e outras coisas.

Analisando as falas dos alunos quanto as suas concepções sobre o que seja arte, pude observar que a mesma é vista pela maioria dos alunos como pintura e desenho, duas linguagens bastantes presentes nas aulas dessa disciplina na educação básica. A arte tem inúmeros conceitos e pode estar em todos os lugares, mas não pode se restringir em apenas pintar e desenhar.

Observei também quando o aluno fala que arte “*é fazer uns desenhos bonitos*”, pois constatei que as pessoas ainda veem a arte como coisas belas, como o perfeito, como aquelas obras maravilhosas do renascimento, o que é predominante ainda nos dias de hoje, de que arte precisa ser algo bonito, belo. Contudo, devido a evolução da arte ao longo da história e pelo fato de ela ter passado por inúmeros conceitos e surgimentos de outras linguagens (como a fotografia, cinema entre outros), é importante esclarecer que o conceito do que é bonito e belo hoje em dia não é universal, pois, o que é bonito para mim, pode não ser para a outra pessoa. Além disso, a própria experiência com diferentes manifestações artísticas influenciam na concepção do que seja arte para o indivíduo.

Os alunos foram questionados ainda sobre a importância da arte, com a seguinte pergunta “*Para você a arte é importante*”? *Justifique!*

Aluno “A”

Sim. Por que é uma cultura, ex: danças, músicas e etc.

Aluno “B”

Sim. A gente aprende muitas coisas sobre dança, teatro, esculturas e pinturas.

Aluno “C”

Sim. Por que a gente aprende a desenhar várias coisas.

Aluno “D”

Sim. Por que é um modo de aprendizado

Aluno “E”

Sim. Sem ela não teremos danças, teatros, músicas e etc.

Outro ponto importante a ser discutido e analisado é sobre a importância da arte para os alunos. Afirmando partindo das respostas deles que a arte traz algum aprendizado para eles, pois vejo respostas muito sucintas sobre essa importância. Um dos alunos ressalta que é importante por que “a arte é uma cultura”, o que vai de encontro com o que ressalta (BARBOSA, 2005, p. 292) ao dizer que a arte “é um importante instrumento para a identificação cultural”, o que mostra que, ao terem contato com diferentes manifestações artísticas, a arte pode elevar o conhecimento cultural deles.

Com o objetivo de analisar quais os instrumentos avaliativos o professor utiliza na disciplina de Arte, identifiquei as seguintes respostas:

Aluno “A”

Através de atividades, trabalhos e provas.

Aluno “B”

Pelo comportamento, leitura, participação.

Aluno “C”

Com leituras, atividades e textos.

Aluno “D”

Comportamento e participação nas aulas.

Aluno “E”

Dá nota através das provas e das atividades.

A maioria respondeu que a avaliação se dá através de atividades e provas. É importante ressaltar que o processo avaliativo é uma questão muito ampla e isso se evidencia ainda mais na avaliação em artes. Além disso, nessa disciplina, é comum as avaliações serem por meio de provas escritas e pouco em trabalhos artísticos, o que deixa de considerar todas as

especificidades dessa área. Nesse processo, é importante o professor avaliar o desenvolvimento cognitivo dos alunos, fazendo com que eles avancem no processo de ensino e aprendizagem a partir de diferentes trabalhos artísticos.

A respeito da valorização do ensino de artes, busquei saber o que os alunos realizavam nas aulas dessa disciplina para tentar compreender como ela é trabalhada nesta escola. Fiz a seguinte pergunta “*o que você faz nas aulas de artes*”? E assim me responderam:

*Aluno “A”
Escrevo pinto e desenho.*

*Aluno “B”
Desenho, copio textos e algumas atividades.*

*Aluno “C”
Danças, leituras, escrevo textos como o folclore Brasileiro.*

*Aluno “D”
Escrevo e faço desenhos.*

*Aluno “E”
A gente ler interpreta textos e fazemos varias coisas.*

A arte na escola deve ter um papel de formação social para os educandos. Segundo Barbosa (2016) através da arte pode ser desenvolvido diversos processos criadores, uma vez que o ensino dela deve ser trabalhado pra construir e reconstruir, elaborar e reelaborar, fazendo com que os alunos possam refletir criticamente o contexto em que estão inseridos, proporcionando mudanças significativas, dentro e fora da sala de aula.

A partir das falas dos alunos, afirmo que essas aulas de artes são trabalhadas principalmente com o desenho e a pintura, novamente, não sendo possível observar outras metodologias e atividades que proporcionam aos alunos a se conectarem com outros fazeres artísticos, a conhecer diversos materiais que podemos utilizar para fazer as suas próprias criações, já que essas aulas são trabalhadas muito com a questão do desenho.

Com o intuito de compreender ainda importância da arte para os alunos, perguntei “*você gosta dessas aulas*”? *Por quê?* Essas foram as suas respostas:

*Aluno “A”
Sim. Por que a gente aprende diversas coisas sobre a arte e outras coisas.*

Aluno “B”

Sim. Por que é interessante.

Aluno “C”

Sim. Por que a professora explica muito bem para os alunos.

Aluno “D”

Sim. Não sei por que só sei que gosto

Aluno “E”

Sim. Porque é minha aula preferida

Em seus relatos fica evidente que a maioria dos alunos gosta da disciplina porque ela os deixa mais “livres” nas aulas, ou seja, ela é considerada como “lazer”, e não necessariamente uma área do conhecimento ou disciplina importante do currículo escolar, o que vai de encontro com a literatura científica a respeito do seu ensino na educação brasileira, ressaltado no capítulo anterior desta monografia.

Em seguida, perguntei se os alunos acham que as aulas deveriam ter mais vezes na semana, e assim foram os seus depoimentos:

Aluno “A”

Sim. Por que a gente aprenderia mais coisas em arte.

Aluno “B”

Sim. Por que a professora é muito boa.

Aluno “C”

Eu acho que deveria ter mais aulas de artes.

Aluno “D”

Sim. Por que a professora explica muito bem.

Aluno “E”

Sim. Por causa dos livros que a gente lê.

As respostas dos alunos revelam que gostariam sim de ter mais vezes na semana às aulas de artes, mas, assim como dito anteriormente, alguns preferem tê-la pelo fato de ser um momento de lazer para eles, enquanto outros, querem por terem a oportunidade de aprenderem mais sobre essa área.

Por fim, questioneei: “*Quais materiais didáticos o professor utiliza na aula*”? Essas foram as suas respostas:

Aluno “A”

Caderno de desenho e de escrita.

*Aluno “B”
Livros, tintas para pintar e pinceis.*

*Aluno “C”
Caixa de papelão e o pincel.*

*Aluno “D”
Caneta, lápis, quadro branco e etc.*

*Aluno “E”
Caneta, lápis, pincel para quadro branco, caderno e os dedos para copiar, e às vezes a gente faz desenho, artes com caixa de papelão e outros materiais.*

Observei nas falas acima que a professora trouxe para a sala de aula materiais que tinham na escola, o que deixa claro o descaso do poder público para com essa área, uma vez que são escassos materiais didáticos que contemplem nas escolas as quatro áreas de artes (artes visuais, teatro, dança e música), o que acaba limitando a aprendizagem do educando e o fazendo não se interessar pela aula. Pude notar ainda que apenas um aluno disse que “às vezes” utiliza a caixa de papelão e outros materiais que ele mesmo não especificou. A professora, mesmo não sendo formada na área, buscou se esforçar, da forma que podia nessas aulas, para tentar ensinar artes a esses alunos.

4.3 A concepção da professora da escola da cidade sobre a arte

Com o intuito de compreender o que a professora da escola urbana (PU) pensa sobre a arte, comecei com a seguinte pergunta “*com as suas palavras o que é arte para você?*” O que observei na resposta da professora é que ela fala que são manifestações culturais e representa a música e o teatro, o que mostra que ela tem uma concepção limitada do que seja arte, talvez pelo fato de não ser formada na área.

Ao realizar a pergunta se a “arte é importante para ela”, ela respondeu apenas que sim! Ou seja, a arte parece não ter tanta importância para essa professora, pois se limitou, novamente, a justificar porque a arte era importante, o que novamente corrobora pelo fato de ela não ser formada na área.

Em seguida perguntei por que ela leciona a disciplina de Arte e qual a sua formação acadêmica. A professora respondeu que só leciona a disciplina para completar a grade curricular dela na escola, pois ela é formada em Pedagogia e com pós-graduação em Português. Como já foi demonstrado nesta monografia, a grande carência do ensino de artes

hoje se dá principalmente pela não formação dos professores nessa área, e isso acontece porque a arte ainda não é vista como uma disciplina de grande importância dentro das escolas, e por ter apenas um curso de formação inicial e poucos de continuada em Tocantins. A triste realidade de usar essa disciplina para completar a carga horária do professor ainda é bem explícita nas escolas e isso só mostra o quanto ainda há essa desvalorização dessa, dentro do contexto escolar. Nesse sentido, Barbosa (2005, p. 293) ressalta que:

Outra estratégia para burlar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – que exige a disciplina de Artes no currículo – é entregá-la para os professores de Literatura, com a desculpa da interdisciplinaridade. Sim, literatura é arte, mas não se dedica às linguagens visuais, sonoras e gestuais.

Foi o que constatei nesta escola, pois para a diretora, a minha melhor opção seria realizar a minha pesquisa na turma da professora que tinha a sua formação em português, uma vez que, segundo ela, esta professora estava mais apta para lecionar a aulas de Arte, e o que pude observar, foi o pouco conhecimento da professora sobre o ensino de artes, confirmado em seu relato acima.

Para analisar o conhecimento da professora sobre a questão da educação do campo, lhe indaguei 3 perguntas “*o que seria Educação do Campo para ela*”; se “*o ensino nas escolas do campo é diferente do da cidade?*”; e ainda “*qual seria a diferença desse ensino nestas duas realidades*”. Como nas perguntas anteriores, observei também essas respostas muito limitadas da docente, pois, ela me relatou que acha que sejam aulas bem diferenciadas, ou seja, mais prática; a professora ainda disse que há diferenças no ensino das duas escolas (campo e urbana); porém, quando perguntei qual seria essas diferenças, ela não conseguiu me responder, o que evidencia que é importante mais cursos de formação continuada sobre a educação do campo na região pesquisada, para que possam qualificar e capacitar melhor os profissionais que atuam na educação básica.

Em seguida perguntei quais “*metodologias e instrumentos avaliativos?*” e pude identificar em sua fala que a professora utiliza na disciplina de Arte metodologias de aulas teóricas e práticas, bastante recorrente em suas aulas, porém, um pouco “rasas”, uma vez que nas aulas práticas os alunos ficaram mais “livres” e desconectados com os conteúdos, do que interessados, como pude observar nas aulas. Porém acredito que isso acontece pela falta de materiais didáticos e metodologias mais atrativas e próximas das realidades deles. Além disso, ela relatou que avalia a partir de provas e trabalhos, o que vai de encontro com que os alunos disseram nos questionários.

Em suma, ao analisar essas respostas, constatei que é importante a professora ampliar o seu conhecimento sobre as artes, uma vez que leciona nessa disciplina, pois, como disse anteriormente, a mesma se limitou em esclarecer melhor questões relacionadas às artes e a sua atuação nessa área na escola. Com tantas variedades de metodologias, notei que a professora utiliza apenas duas formas de avaliação (texto/prova e trabalhos práticos).

4.4 Relato de experiência da Escola do Campo

Como a escola do campo em que realizei a minha pesquisa se localiza longe do povoado em que resido, meu primeiro contato com a diretora da escola aconteceu através de mensagens via telefone. Conversei com a mesma sobre minha proposta de pesquisa, que seria observar duas aulas de Arte e que precisaria aplicar um questionário com 7 perguntas semiestruturadas para os alunos, e pra o professor da disciplina. Em seguida enviei então o formulário de autorização de pesquisa que foi assinada por ela e pelo responsável pela escola.

A diretora logo me autorizou em realizar minha pesquisa na escola em que ela trabalhava e falou que eu poderia ir qualquer dia até a essa instituição para coletar os dados, mas que era importante eu avisá-los com antecedência, pois a mesma me informou o horário das aulas e disse que conversaria com a professora que as ministrava na turma do 9º ano, para pedir autorização para fazer minhas observações.

No dia 27 de setembro de 2018 me desloquei do povoado em que resido rumo à escola do campo que se localiza a aproximadamente 45km (quilômetros). Como a diretora tinha me informado que a aula de Arte aconteceria às 15h30min daquele mesmo dia, desloquei-me às 13h30min, visto que o percurso durou aproximadamente 1 hora. Na verdade, eu queria chegar com antecedência na escola para conseguir conversar com a diretora e a professora de Arte.

Ao chegar à escola do campo, perguntei logo pela a diretora da escola e a porteira me informou que ela não se encontrava na instituição e não sabia se ela iria aquele dia. Me relatou ainda onde ficava a casa da diretora e disse para eu ir conversar com ela. Em seguida, de posse dessa informação, fui a casa dela e me apresentei como estudante da UFT (Universidade Federal do Tocantins) e falei sobre a minha pesquisa. A diretora pediu então para eu aguardá-la na escola, que ela iria só terminar algumas coisas em casa. Retornei até a escola e fiquei aguardando-a. Nesse momento, aproveitei para observar o espaço físico da escola, e pude ver que mesma possui uma estrutura boa, principalmente por ser uma escola do campo.

Depois de algum tempo, a diretora chegou e me levou até a sala da coordenação para conversar comigo. Aproveitei e falei tudo sobre a pesquisa que pretendia realizar e ela repetiu que me autorizava em executá-la na escola. Ela solicitou, em seguida, para uma das coordenadoras procurar a professora de Arte pela escola, para conversar sobre a observação que eu fazia durante as suas aulas nesse período.

A coordenadora saiu à procura da professora e depois de algum tempo a mesma voltou falando que ela não concordou em me deixar observar a sua aula. Essa notícia me deixou bastante desorientada e preocupada, me perguntando no que eu poderia fazer. Falei então pra diretora que esperaria a professora terminar a aula para conversar melhor com a mesma, explicando a situação.

Aguardei então a professora, depois que a mesma finalizou a aula veio, até mim para conversar e pediu desculpas por não me aceitar observar a aula. Ela informou ainda que teria trocado o horário, pois ela tinha ministrado aula de educação física, sendo esse o motivo dela não ter aceitado a minha pesquisa naquele momento.

A professora de artes ficou procurando uma solução pra mim, para realizar as minhas observações e pediu pra eu ir à próxima semana onde já poderia realizar as duas observações. Diante disso, fiquei muito feliz e combinei com ela de ir à próxima aula para iniciar a pesquisa nessa escola. Porém, ao chegar no dia da aula em que eu voltaria nessa instituição, a professora me enviou uma mensagem dizendo que não poderia me aceitar para observar a sua aula, pois estava muito atarefada e nem poderia responder meu questionário, já que não teria tempo, o que ficou evidente que ela não queria, de forma alguma, me aceitar em suas aulas para eu desenvolver a minha pesquisa, tampouco, responder o questionário. Ficou claro também que, pelo fato de ela não ser formada na área, pode ter ficado com receio em participar desta pesquisa.

Esse foi o maior problema que encontrei durante minha pesquisa: o não aceitação da professora para observar suas aulas na escola do campo. Como a minha pesquisa já estava bem atrasada, fiquei pensando em soluções para continuá-la, pensei em diversas coisas, em procurar outra escola, por exemplo. Mas de uma coisa eu tinha certeza: não poderia deixar de desenvolver esta pesquisa sobre o ensino de arte.

Tentei, então, a resolver esse problema. Consegui o número da diretora de outra escola do campo que fica localizada em um povoado perto de Piaçava-TO, porém, ficaria mais longe de onde moro e isso dificultaria bastante a minha locomoção. Desse modo, voltei a tentar fazer minha pesquisa em Piaçava. A partir dessa decisão, enviei mensagem para a diretora perguntando se teria outra professora de artes que ministrava a turma do 9ºano e ela me

respondeu que sim. Disse ainda que iria conversar com a mesma sobre a possibilidade de eu observar as suas aulas. Posteriormente, a diretora conversou com a professora e ela concordou em me aceitar enquanto pesquisadora, e marcou o dia para eu ir até a escola para eu observar e terminar de coletar os dados para a minha pesquisa.

De posse dessas informações, a diretora me informou que a aula começaria às 8hrs da manhã. Assim, no dia 24 de outubro de 2018 me desloquei novamente para a escola do campo, dessa vez no turno matutino, horário em que aconteceriam as aulas. Saí de motocicleta às 06h40min da manhã com o objetivo de chegar com 20 minutos de antecedência na escola. Ao chegar nela, encontrei logo a diretora que me levou a professora para me apresentá-la. Fiquei conversando um pouco com ela sobre a pesquisa que estava fazendo. Aproveitei também para dizer sobre os questionários que seriam aplicados a ela e aos alunos. Após esse momento, fui com ela em direção a sala de aula para iniciar a parte final da coleta de dados da minha pesquisa.

1º Observação

Minha primeira observação começou às 8hrs da manhã do dia 24 de novembro. Segui a professora em direção à sala de aula e, ao entrar nela, me apresentei para os alunos, como estudante da UFT, no curso de educação do campo e informei a eles que estaria observando duas aulas de artes para uma pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Após me apresentar para os educandos, a professora falou sobre o conteúdo que seria estudado naquela aula: “Releitura”, e que a turma era composta por apenas 9(nove) alunos. Ela explicou que a releitura tem a ver com questão de ler e interpretar cada obra, visto que era uma forma diferenciada de observar as coisas. Em seguida, ela pegou um livro para dar exemplo, falando que quando os alunos pegam no livro didático, eles não fazem a releitura dos conteúdos que estão naquele livro, uma vez que é preciso que leiam diversas vezes para compreendê-lo.

A docente continuou a aula falando que quando um aluno aprende um conteúdo e o mesmo muda de escola, ele continua com aquele conteúdo e não terá prejuízo com relação a sua aprendizagem. Na sequência, ela perguntou aos alunos se eles lembraram de uma disciplina chamada “Saberes e Fazeres do Campo” e eles responderam que sim. Foi então que ela disse que tem que estudar essa disciplina, pois estão em uma escola do campo, ou seja, eles têm que conhecer e trabalhar esses conteúdos que envolvam o aluno no meio em que

estão inseridos. Percebi, nesse momento, que foi uma forma de releitura voltada a sua realidade que a professora fez com eles.

A professora falou ainda que releitura é reler algo diversas vezes. Depois disso, ela pegou algumas obras impressas no papel e mostrou aos alunos de como poderia fazer a releitura daquelas obras de artes. Explicou que fazer a releitura de uma obra é você descrever a sua interpretação sobre a mesma. A professora levou pra sala de aula alguns desenhos de imagens divididos em pedaços, falando que cada um daqueles recortes poderia ser enfeitado de acordo com a criatividade de cada um, e que não precisaria ficar copiando do outro.

Depois de uma breve explicação sobre o que é releitura, observei que os alunos estavam meio desconectados com o conteúdo, talvez pelo fato de não terem entendido, já que pude observar que não foi uma explicação muito clara, pois releitura no campo das artes não é bem assim, pois é preciso levar em consideração o contexto da obra. Observei também que em determinados momentos a professora “fugia” um pouco do assunto, do qual pude analisar que ela, talvez por não ser formada na área, tinha poucos conhecimentos sobre o conteúdo, ou não buscou metodologias para facilitar o entendimento dos educandos.

Em seguida a professora escreveu um texto no quadro falando sobre a releitura para os alunos copiarem no caderno. Observei nesse momento que os alunos se interessam em copiar o texto, visto que apenas um aluno da turma reclamou de ter que copiar muito, mas acabou fazendo essa atividade. Uma aluna perguntou quantas aulas a professora iria ministrar na turma, e ela respondeu que seriam apenas duas. Com essa resposta notei que os alunos não gostaram muito, talvez pelo fato de eles se identificarem com a disciplina e não gostarem das metodologias trabalhadas pela professora.

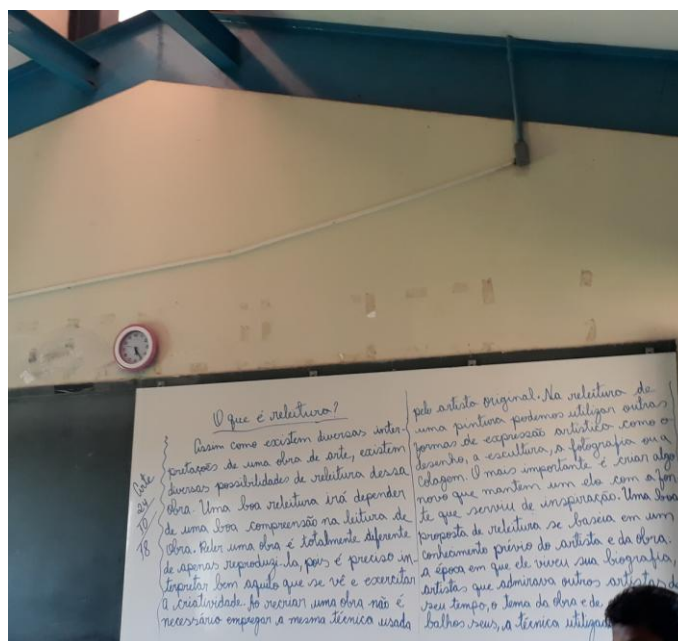
Depois dos alunos terminarem de copiar o texto a professora pediu para eles lerem e falarem o que eles entenderam por releitura. Nesse momento, os alunos olharam para o quadro e começaram a fazer a leitura em voz alta. Em seguida a professora de artes pediu para eles relatarem seus entendimentos, e o primeiro aluno falou que é “interpretação de uma obra”; depois outro disse que é a “boa compreensão de uma obra”; o terceiro que “existe diferentes interpretações de uma obra”; outro é “exercitar a criatividade”. Pude observar que as respostas que os alunos davam eram trechos que estavam no texto, o que revela que eles, na verdade, apenas reproduziam o conteúdo exposto a eles, não permitindo que eles mesmos desenvolvessem a sua criatividade e pensamento para refletir sobre os temas trabalhados, o que caracteriza um ensino tradicional.

Através desta observação, pude analisar que os alunos não conseguiram entender muito sobre o conteúdo estudado. No entanto, no decorrer da aula a professora me relatou

sobre as dificuldades da educação do campo, principalmente nas aulas de artes, pois a escola não possui materiais que muitas vezes precisam ser utilizadas na sala de aula, como pinceis, tintas, lápis, folhas entre outros, o que parece ser bem predominante na maioria das escolas localizadas no campo.

A partir desse relato da professora, vejo a grande dificuldade de se ter uma educação do campo de qualidade. Penso que a arte tem grande importância para o ensino e aprendizagem dos alunos, e que a mesma se faz mais importante ainda na educação do campo, já que é uma educação precarizada, desvalorizada, e pode ter na arte uma forma de expressar ideias, conhecimentos e resistência sobre a educação tradicional imposta a eles, que não considera a suas realidades e saberes.

Imagem – 10 Texto trabalhado pela a professora da escola do campo.



Fonte: Elaborada por Cecília Gomes Carvalho (2018).

2º Observação

As 08h55min que foi o início da aula seguida, continuei na sala de aula para a segunda observação. A professora continuou falando sobre a releitura e disse que aquela aula seria prática. Na sequência de sua fala, pediu para que os alunos fossem fora da escola para observarem o ambiente ao seu redor e fazerem um desenho do que mais lhe chamou atenção.

Desse modo, os alunos foram para a área externa da escola e observaram os objetos que poderiam desenhar. Um dos alunos da turma relatou que não sabia o que desenhar, e a professora falou para ele observar o tanto de coisas que tem ao seu redor que, com certeza, uma delas chamaria a sua atenção para ser desenhada.

Pude observar que os alunos se interessaram em realizar os desenhos, pois todos participaram da atividade proposta pela professora. Em seguida, dois alunos terminaram seus desenhos e foram à sala de aula para colorir. Notei que, depois de algum tempo, todos terminaram e retornaram para a sala.

Imagem- 11 Os alunos observando o ambiente ao seu redor.



Fonte: Cecilia Gomes Carvalho (2018).

Ao chegar à mesma alguns materiais foram entregues pela professora aos alunos para que eles pudessem terminar as suas atividades, como: areia, algodão, palito de madeira, tampas de garrafa PET e lata de alumínio. Observei que os alunos gostaram muito de trabalhar esses materiais. Nesse momento, a professora me relatou que buscou trazer para sala materiais que estão no cotidiano dos alunos e, para sanar a carência desses materiais na escola, ela os trouxe para trabalhar na disciplina de Arte. As imagens a seguir mostra as produções artística realizado pelo os alunos.

Imagem-12 Trabalho produzido com tampas.



Fonte: Cecilia Gomes Carvalho (2018).

Imagem- 13 Trabalho produzido com areia.



Fonte: Elaborada por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

Imagem-14 Trabalho produzido com diversos materiais



Fonte: Elaborado por Cecilia Gomes Carvalho (2018).

Próximo do término da aula, a professora me pediu para aplicar o questionário aos alunos. Assim, apliquei e aguardei eles responderem.

Em suma, pude notar que essa aula prática foi trabalhada em consonância com a realidade dos povos do campo e que os alunos se conectaram com seu fazer artístico, diferente dos alunos da escola da cidade, que mostraram um grande desinteresse para com a disciplina de Arte. E é de grande importância ressaltar que a boa aula pratica traz um grande aprendizado ao aluno, já que pude observar a diferença do ensino de duas metodologias diferentes que é a teórica e pratica.

Contudo pude ver que os alunos não se interessaram pela a aula teórica, já na aula pratica todos demonstravam interesse e participação, porem um ponto significativo que observei foi a questão da interação da aula pratica com o conteúdo trabalhado, pois a professora poderia ter mostrado aos alunos que aqueles desenhos feito pelos os mesmos, tinha que ser realizado como uma releitura das imagens observados por eles, já eu eles estavam criando produções artísticas de acordo com o olhara de cada um.

4.5 Análises dos questionários dos alunos da escola do Campo

Para tomar conhecimento sobre a concepção dos alunos da escola do campo sobre a arte, comece o meu questionário com a seguinte pergunta “*com suas palavras o que é arte pra você?*” Assim responderam:

Aluno “A”

É uma coisa que expressa sentimentos.

Aluno “B”

Obras de desenho, vida.

Aluno “C”

É a matéria que trabalha diversas manifestações tanto artísticas como sonoras.

Aluno “D”

É cultura, um abrigo no mundo de fantasias onde eu posso me expressar.

Aluno “E”

A arte pra mim é como se fosse um mundo de coisas novas, porque a arte é muito interessante.

A partir de suas respostas, constatei que diferente dos alunos da escola urbana, os alunos não conceituaram a arte como desenho/pintura, mas como uma forma de expressão e de leitura de mundo, que possibilita socializar informações e conhecimentos. Observei também que esses alunos têm um conhecimento mais aprofundado sobre a arte que, contudo, pode ser mais ampliado a partir do contato deles com diferentes manifestações artísticas.

Em seguida, perguntei: “Com suas palavras a arte é importante? Justifique.”. Essas foram as suas respostas:

Aluno “A”

Sim. Porque a arte faz parte da história e existia desde os homens da caverna.

Aluno “B”

Sim. Porque aprendemos um pouco sobre as culturas brasileiras e algumas pinturas famosas como a de Monalisa.

Aluno “C”

Sim. Porque através deste conceito podemos trabalhar manifestações importantes

Aluno “D”

Sim. Porque se não existisse artes não existiria casas, prédios e etc., por que eles são uma arte.

Aluno “E”

Sim, para nos ensinar a conhecer mais as cores e desenhos.

Percebi que a arte para eles tem relevantes importâncias para todos, pois isso fica evidente quando o aluno “A” diz que a arte faz parte da história, o que fica claro que ela não é apenas um objeto artístico, mas como parte da vida das pessoas que, com o passar do tempo, assumiu diferentes funções, formas e culturas. Os alunos têm conhecimentos que perpassam

esse conceito da arte de ser vista apenas como o ato de desenhar e pintar, ou seja, vai muito além, já que a mesma tem grandes significações e importância principalmente dentro do contexto escolar. Essa análise é importante, pois, embora não tenham tanto contato com ela na escola, pelo fato dessa disciplina ter uma carga horária reduzida, conseguem compreender a sua importância em suas vidas.

Na sequência, indaguei: “*Como o professor avalia os alunos na disciplina de Arte?*”
Esses são os seus relatos:

Aluno “A”

Com a participação, comportamento, trabalho e etc.

Aluno “B”

Fazendo atividades, usando o conteúdo que trabalhamos na aula.

Aluno “C”

Avalia pelo comportamento, pelos trabalhos e pela as atividades.

Aluno “D”

Ela ver qual é a arte que nós temos para desenhar e dobradura de papel e também como nós estamos saindo no conteúdo, comportamento atividade e propostas.

Aluno “E”

Pelo comportamento, os trabalhos sobre o que nós estudamos.

Sabe-se a complexidade que tem em avaliar em artes, pois é importante levar em conta não apenas o produto final, mas também o seu processo, a criatividade do aluno na realização das atividades práticas artísticas. Contudo, uma informação ficou evidente: a professora, segundo os seus relatos, avalia mais a participação e comportamento deles nas aulas, do que por outros meios, como provas ou trabalhos, o que se diferencia da escola da cidade analisada anteriormente.

Posteriormente, perguntei: “*O que você faz nas aulas de artes?*”. Abaixo, se encontram as suas respostas:

Aluno “A”

Desenho, pinto, faço atividades sobre lenda e outras coisas.

Aluno “B”

Costumamos-nos ver sobre danças e arte rupestre.

Aluno “C”

Nos aprendemos dança, culturas e rupturas.

Aluno “D”

Eu aprendo sobre arte a história, desenho pinto e me divirto com isso.

Aluno “E”

Aprendo sobre as danças e sobre os instrumentos.

Ao analisar as suas falas, observei que eles fazem muitas coisas nas aulas de artes relacionadas a danças e músicas, inclusive, trabalham com instrumentos, segundo relato do aluno “E”. Eles conseguem se divertirem com essas aulas também, o que deixa claro que, para alguns poucos alunos, a aula também é lazer (semelhante aos da cidade analisados anteriormente). Constatei também que eles trabalham com diversos tipos de arte, possibilitando aos educandos a conhecerem diferentes artes e não ficarem limitados apenas na teoria. É importante ressaltar que o ensino de arte deve ser trabalhado com essa perspectiva de relacionar teoria/prática e englobar as demais disciplinas, de forma interdisciplinar, o que enriqueceria os trabalhos desenvolvidos nessa disciplina na escola.

Depois dessa pergunta, indaguei: “*Você gosta dessas aulas? Por quê?*”. Assim responderam:

Aluno “A”

Si. Porque a arte é a coisa melhor que a gente aprende pintando.

Aluno “B”

Sim. Porque é muito importante.

Aluno “C”

Sim. Porque através da arte vimos um mundo melhor e aprendemos a cultura do nosso país.

Aluno “D”

Sim. Porque é divertido, e eu posso algumas vezes desenhar.

Aluno “E”

Sim. Porque a aula de artes envolve danças e outras coisas.

Observei, em seus relatos, que os alunos gostam das aulas de artes, pois a mesma os possibilita conhecer coisas novas e alguns tipos de artes, como música, dança e pintura, mas também, porque essas aulas são divertidas e os possibilita também a ver um mundo melhor como relata o aluno “c”, o que se assemelha com a resposta anterior. Além disso, é importante destacar que a arte tem papel fundamental para despertar o olhar crítico dos educandos na escola.

Na pergunta: “*Você acha que as aulas de artes deveriam ter mais vezes na semana?*”, assim se posicionaram:

Aluno “A”

Não. Porque tem algumas matérias que é mais difícil para aprender.

Aluno “B”

Sim. Porque às vezes não dá para explicar direito o conteúdo trabalhado.

Aluno “C”

Sim. Porque ela ensina muitas coisas como o nome dos instrumentos as danças e esculturas.

Aluno “D”

Sim. Porque através da arte, ela é importante para descobrir a cultura do nosso país.

Aluno “E”

Sim. Porque assim nós aprendemos mais a se expressar.

A maioria dos alunos entende que as aulas de Arte deveriam ter mais vezes na semana por diversos motivos: por ser “mais fácil” em aprender, em comparação com as demais disciplinas curriculares, o que não deixa de ser um conhecimento equivocado, por ter um conteúdo interessante para ampliarem a sua cultura, como forma de expressar as suas ideias entre tantos outros. Contudo, não notei em suas falas a importância da arte para o seu aprendizado, para a sua formação, o que fica claro que o seu ensino ainda não está sendo trabalhado de forma nem sempre adequado, com materiais insuficientes e nem visto pelos alunos como uma disciplina que os ajudem no processo de ensino e aprendizagem em suas escolarizações.

A educação em arte desenvolve a sensibilidade, a imaginação e a percepção, promovendo o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que favorecem um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. A sensibilidade se torna proeminente tanto na realização de formas artísticas, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas pelo próprio educando e pelos seus colegas, como, ainda, para o conhecimento pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 2001, p.38 apud, BERTOLOTO; CAMPOS; MONTEIRO, 2017).

Em outras palavras, a arte deve ter um papel fundamental na aprendizagem dos alunos, uma vez que cabe ao professor trabalhar ela com o intuito de mostrar para os alunos a importância da mesma para a sua formação artística, cultural e estética, além de buscar

metodologias que possibilitem a esses educandos a refletirem criticamente sobre a realidade em que estão inseridos, pois como analisado na resposta do aluno “A”, a arte ainda é vista como uma “disciplina fácil”, por que só pinta e desenha. Pude constatar também que o tempo é muito pouco para trabalhar boa parte dos conteúdos de artes, pelo fato de ela ter a carga horária reduzida no currículo escolar, em comparação com as demais disciplinas.

É de mera importância ressaltar que ao observar os planos de projetos que são realizados na escola, não encontrei algum que trabalhe com a arte, isso fica mais evidente que a desvalorização do ensino de arte nas escolas não é apenas do professor em sala de aula mais começa da própria escola em si.

4.6 Concepções da professora da escola do campo sobre a arte

Durante as aulas de artes observadas na escola do campo, a professora pesquisada falou constantemente sobre a criatividade, ressaltando que cada um tinha a sua maneira de criar as coisas. Com o intuito de conhecer qual conceito de arte para a professora tinha, perguntei o que seria arte para ela, e a mesma respondeu que:

É uma maneira mais pratica do ser humano expressar seus sentimentos seja de alegria ou dor (professora)

Na fala da professora fica claro que a arte ainda é vista por muitos apenas como forma de expressar sentimentos, o que limita o seu campo de conhecimento, porém, é preciso observar que a arte é mais que expressão das emoções, mas meio de comunicação, trabalho, forma de expressar conhecimentos de mundo e da realidade das pessoas. Portanto, conceituar arte não é tarefa fácil, o que significa dizer que ela não deve se limitar apenas a um conceito.

Penso que a arte perpassa muito além desta questão, já que a arte é uma grande ferramenta que ajuda no conhecimento humano e na fomentação de criticidade nas pessoas, principalmente no que se refere à realidade da qual as pessoas vivem, trabalham e estudam. Para uma maior compreensão do pensamento dessa professora sobre a arte, perguntei da importância dessa área para ela:

Importante por que nos leva a refletir e formar expressões de sentimentos relacionados ao nosso cotidiano. (Professora)

Fica claro que pra a professora que a arte é somente forma de se expressar, novamente, pois a mesma não relata outro conceito para a arte, o que revela que o fato de ela não ser

formada na área, a impossibilita de tentar ampliar os seus conhecimentos sobre as diferentes linguagens artísticas. Em seguida perguntei a docente por que ela leciona essa disciplina:

*Gosto da disciplina e também para complemento de carga horária.
(Professora)*

Quanto a sua formação acadêmica a mesma é formada em “Ciências Biológicas”. Como na maioria das escolas, a do campo não é diferente: muitos professores que atuam nessa disciplina são formados em outras áreas do conhecimento e trabalham nela, principalmente, para preencher a carga horária nas escolas que atuam. A formação do professor é um importante elemento para um ensino de artes de qualidade, pois o mesmo ao ter conhecimentos sobre a arte e, principalmente à importância dela dentro do contexto escolar, poderá compreender o importante papel da arte na formação dos alunos por toda a vida.

Muitas vezes esse grande problema da não valorização do ensino de artes ou de falta de conhecimento para se trabalhar com metodologias e conteúdos adequados as realidades e necessidades de aprendizagem dos educandos, nem sempre é culpa do professor, pois,

Este é um grande desafio ao professor de arte na contemporaneidade, pois na maioria das vezes a escola prioriza a aprendizagem mecânica. O limite de horário, o espaço escolar não favorável, o desinteresse dos alunos e até mesmo o pouco interesse da equipe pedagógica em valorizar o ensino através da arte, pois sabemos que a posição escolar não é similar, não tem o mesmo peso específico, que outras formas de conhecimento como na matemática, na língua portuguesa, geografia, ciências, acaba por pensar ou tornar a “aula de arte” mais voltada para um fazer mecânico, artesanal e não sensorial e cognitivo “reduzindo a Arte ao ensino de procedimentos pictóricos com uma finalidade mimética” (HERNANDEZ, 2000, p. 44, apud. BITTENCOURT, 2013).

Nesse sentido, o professor sempre leva a culpa da carência e desvalorização ensino de artes, sendo que na maioria das circunstâncias é limitado por muitos motivos, como o currículo a ser seguido, geralmente tradicional, a sua falta de formação (por ter ausência de cursos de formação inicial ou continuada na região onde mora e trabalha) e, muitas vezes, o mesmo ainda é obrigado a lecionar a disciplina de arte pra complementar sua carga horária, o que não deixa de ser um sério problema no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Diante disso, penso que se o poder público tivesse dado maior atenção as escolas do campo, a investir em qualidade de ensino nesses lugares, com melhor e

mais formação continuada, com materiais didáticos adequados entre tantos outros, muitos desses problemas poderiam ser sanados.

Em seguida perguntei a professora o que seria Educação do Campo para ela:

É o estudo que envolve diversas modalidades de ensino, favorecendo a permanência no meio rural, preparando para desenvolver as atividades como; agropecuária, agricultura etc.

Sobre a concepção da professora do que seja Educação do Campo observei com a sua resposta que ela não possui um grande conhecimento sobre a educação do campo, isto é, não soube expressar claramente as suas ideias acerca dessa área. Educação do campo valoriza os povos do meio rural, parte da realidade dos alunos, considera o meio em que estão inseridos, o que o difere da educação urbana.

Além disso, em sua fala, há uma frase muito significativa para a Educação do Campo que é a “permanência no meio rural”, o que é um ponto significativo das lutas para uma educação do campo de qualidade, contextualizada e emancipadora, para que os alunos não tenham necessidade de migrar para a cidade em busca de um ensino.

Para melhor analisar a compreensão da professora sobre a Educação do Campo perguntei ainda se a mesma “acha que o ensino nas escolas do campo é diferente do ensino da escola da cidade” e qual a “diferença do ensino de artes da escola do campo e o ensino de artes da escola da cidade?”. A esse respeito, quanto à diferença do ensino nas duas realidades, ela relatou que não há, pois segue a mesma proposta de conteúdos, o que deixa claro que se tivessem mais cursos de formação continuada que tratassem de temáticas da educação do campo para qualificar os professores que atuam nessa área, ela conseguiria compreender melhor as especificidades dessa área.

Ao falar sobre as diferenças do ensino de artes da escola do campo e urbana, assim respondeu:

Diversificada, por que na escola do campo deparamos com situações como falta de material pedagógico e carência dos alunos na compra de materiais.

A professora não foi tão clara em sua resposta, pois perguntei sobre o ensino de artes e não as dificuldades encontradas, uma vez que a falta de materiais nessa instituição ocorre não apenas na escola do campo, mas na cidade também.

Para tentar compreender um pouco mais sobre o conhecimento da docente sobre a educação do campo e a sua docência nessa área, questionei quais metodologias a professora utiliza na disciplina de Arte:

Aulas de campo, trabalhar reciclagem, recursos audiovisuais, pesquisa, ala expositiva e explicativa.

E ainda quais instrumentos avaliativos a mesma utiliza na disciplina:

Confecções de materiais, com reciclagem, trabalhos em grupos e individuais avaliações escritas e produção dos trabalhos solicitados.

Fica claro nas respostas da professora que ela trabalha muito com as aulas práticas, explorando a imaginação e percepção dos educandos, por meio de diferentes materiais embora os mesmos não estejam presentes frequentemente na escola, o que leva a concluir que a professora é que traz esses materiais para trabalhar com os alunos, ou mesmo, solicita aos discentes para que os tragam para as aulas. Conseqüentemente, ela utiliza de trabalhos práticos, na maioria das vezes, para avaliar os alunos em artes. Outros instrumentos avaliativos também são mencionados pela docente, como provas escritas.

Por fim, questionei a professora quanto ao papel da arte dentro do contexto escolar:

Proporcionar a interdisciplinaridade; promover a integração dos alunos; desenvolver o interesse pela pintura e obra.

Penso que a arte tem um grande e importante papel dentro do contexto escolar, ao possibilitar aos alunos a terem uma visão mais crítica e reflexiva da realidade a sua volta, a ajudar no ensino e aprendizagem com diferentes procedimentos técnicos e artísticos das artes (artes visuais, teatro, dança e música), além de possibilitar o desenvolvimento de conhecimentos cognitivos nos educandos. É essa constatação que é revelada nesse relato da professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha pesquisa buscou problematizar a realidade do ensino de artes em dois contextos distintos (campo x urbano), através da pesquisa de campo de cunho qualitativo, vinculada a análise das práticas pedagógicas utilizada pelo os professores nas aulas de artes. Para realizar a pesquisa, fiz um breve estudo sobre a trajetória do ensino de artes no Brasil e a trajetória das lutas dos movimentos sociais para a implantação da educação do campo de qualidade que não fosse para “o” campo mais “do” campo e a inserção do ensino de artes voltado para os povos do campo, e ainda a importância da formação dos professores para o ensino de artes.

Contudo, o resultado da pesquisa realizada mostra a grande luta que o ensino de artes vem fazendo no contexto escolar para que possa se fortalecer enquanto importante área do conhecimento e disciplina curricular. Afirmando isso analisando o que observei nas aulas e ainda mais nas respostas dadas no questionário por alunos e professores. Com este trabalho é possível concretizar também que a arte ainda é vista por muitos como sendo apenas o desenho e a pintura, sem falar em alguns momentos de lazer, o que evidencia que a mesma ainda é tida como mera atividade escolar. E por esse motivo os alunos gostam das aulas de artes, pois acham que é uma “disciplina fácil”, que só desenham e que não reprova.

O ensino de artes da escola urbana poderia propor novas metodologias que pudessem dialogar com a realidade do educando e com mais materiais didáticos, pois, embora a professora não seja formada na área, ela se esforça para que consiga desenvolver os processos formativos em artes nos alunos. Além disso, essas aulas precisam fomentar mais um pensamento crítico e reflexivo no aluno, pois a mesma é trabalhada na maioria das vezes de forma tradicional. Diferente da escola urbana, na escola do campo o professor mesmo sem formação para trabalhar com o ensino de artes, também, busca metodologias para que os educandos trabalhem a arte a partir da realidade em que estão inseridos, com materiais que estão no seu dia a dia da vida do campo, fazendo com que os mesmos se interagem com esse fazer artístico. Contudo, constatei que as aulas teóricas e práticas precisam ter mais consonância durante o decorrer da disciplina, o que poderia ser sanado se a escola tivesse laboratórios de artes e mais materiais didáticos, também.

Em suma, esta pesquisa trouxe uma grande contribuição para minha formação, pois tive a oportunidade de conhecer a realidade do ensino de artes na escola da cidade e do campo, uma vez que me formarei para atuar nesta área. Contudo pude ver que a não formação dos professores implica grandemente em um ensino de artes de qualidade, visando ajudar o

educando no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, da relevância de ser formado nessa área, para que o professor tenha melhores condições de trabalhar os conteúdos em sala de aula e que se tenham mais cursos de formação inicial e continuada também.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cunha de. **O Ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos: Uma experiência em Cuiabá- MT.** 220f. Dissertação (mestrado em educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação. Cuiabá , 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras. **Polyphonia**, v.27/2, jul./ dez. p.673/693 2016.
- BATISTA, Flóida Moura Rocha. Gênero e Educação: reflexões sobre materiais didáticos, praticas e representações. **Anais do III simpósio gênero e Políticas Públicas**, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.
- BERLOTO, Jose Serafim; CAMPOS, Maria das Graças; MONTEIRO, Edemar Souza. Saberes e identidade: povos, culturas e educações. **R. Educação Pública.** Cuiabá v.26, n. 62/2 p.513-601, maio/ago. 2017.
- BITTENCOUT, Candida Alayde de Carvalho. Formação do Professor de Arte na Contemporaneidade e o Processo de Criação Artística da Criança. **Anais XI Congresso Nacional de Educação.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013.
- CALDART, Roseli Salete. Coletivo Nacional de Educação do MST e Instituto Técnico de capacitação e pesquisa da Reforma Agraria (ITERRA) Brasil. **Currículo Sem Fronteiras**, v.3, n.60-8, jan/jun 2003.
- GEHART, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural SEAD/UFRGS, 2009.
- IABELBERG, Rosa. Construção de Conhecimento artístico e didático na formação de professores **Revista PALIMDROMO**, Porto Alegre, p. 20-40, s/d.
- NASCIMENTO, Cândida Alayde de Carvalho- UEEL. **Anais XI Congresso Nacional de Educação do Campo, EDU CERE.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, de 23 a 26/9/2013.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo- Rio Grande do Sul- Brasil, 2013.
- SANTANA, Arão Paranguá. **O Conhecimento Prático do arte-educador e os Espaços de Ensinar e Aprender Arte.** UFMA, s/d.
- SILVA, Herlhat; GUERSON, Milena. (orgs.). **Artes Visuais na Educação do Campo, tramas e contextos.** Palmas/ To: EDUFT, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A: FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA



SEVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
DIREÇÃO DO CAMPUS

Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588, Centro | 77.900-000 | Tocantinópolis/TO
(63) 3471-6004 | www.uf.edu.br | dir@tocantinopolis@uft.edu.br



AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICO/CIENTÍFICA

Pelo presente termo, autorizo Cecília Gomes Carvalho, discente do curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, do campus Universitário de Tocantinópolis, Universidade Federal do Tocantins, matrícula número 2015112399, orientado pelo Prof. Me. Gustavo Cunha de Araújo, docente vinculado ao Departamento de Educação do Campo da UFT, Tocantinópolis, matrícula número 1017864, a realizar a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulada: "Um estudo exploratório da importância do ensino de arte no campo e na cidade", na escola Escola Estadual Visconde

Tocantinópolis, Tocantins. A estudante pesquisadora realizará a coleta de dados por meio de observações em sala de aula, entrevistas com alunos do ensino fundamental e professor da disciplina de Arte, além de registros fotográficos nessa escola relacionados à pesquisa, se comprometendo a dar retorno do resultado deste estudo.

Cecília Gomes Carvalho
Assinatura do(a) estudante/pesquisador(a)

Marlene M^{re} Paulo de Queiroz Rocha
Assinatura do responsável
pela instituição a ser pesquisada

Gustavo Araújo
Assinatura do(a) Professor(a)/Orientador(a)

Prof. Me. Gustavo Cunha de Araújo
Universidade Federal do Tocantins
Campus de Tocantinópolis
Mat.: 1017864

José Jarbas Pinheiro Rivas Júnior
Assinatura do Coordenador do Curso de
Educação do Campo da UFT, Campus
Tocantinópolis-TO

Prof. Me.: José Jarbas Pinheiro Rivas Júnior
Universidade Federal do Tocantins
Coordenador de Curso
Educação do Campo
Ato da Retoria 879/2017
Mat.: 2279897

Tocantinópolis, 27 de Setembro de 2018.

APÊNDICE B: FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA



SEVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
DIREÇÃO DO CAMPUS

Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588, Centro | 77.900-000 | Tocantinópolis/TO
(63) 3471-6004 | www.uft.edu.br | dirtocantinopolis@uft.edu.br



AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICO/CIENTÍFICA

Pelo presente termo, autorizo Cecília Gomes Carvalho, discente do curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, do campus Universitário de Tocantinópolis, Universidade Federal do Tocantins, matrícula número 2015112399, orientado pelo Prof. Me. Gustavo Cunha de Araújo, docente vinculado ao Departamento de Educação do Campo da UFT, Tocantinópolis, matrícula número 1017864, a realizar a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulada: **“Um estudo exploratório da importância do ensino de arte no campo e na cidade”**, na escola *Estadual Padre Guilisimo Maritti*

Tocantinópolis, Tocantins. A estudante pesquisadora realizará a coleta de dados por meio de observações em sala de aula, entrevistas com alunos do ensino fundamental e professor da disciplina de Arte, além de registros fotográficos nessa escola relacionados à pesquisa, se comprometendo a dar retorno do resultado deste estudo.

Cecília Gomes Carvalho
Assinatura do(a) estudante/pesquisador(a)

pp/ Iracema
Assinatura do responsável
pela instituição a ser pesquisada

Iracema Gomes do Nascimento
Diretora de Unidade Escolar
Mat. 569838 - 4

Gustavo
Assinatura do(a) Professor(a)/Orientador(a)

Prof. Me. Gustavo Cunha de Araújo
Universidade Federal do Tocantins
Campus de Tocantinópolis
Mat.: 1017864

Jose Jarbas Pinheiro Rias Junior
Assinatura do Coordenador do Curso de
Educação do Campo da UFT, Campus
Tocantinópolis-TO

Prof. Me. José Jarbas Pinheiro Rias Júnior
Universidade Federal do Tocantins
Coordenador do Curso
Educação do Campo
Ato da Reitoria 879/2017
Mat.: 2279897

Tocantinópolis, 15 de Agosto de 2018.

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIOS

Questionário

Nome do Professor: _____

Escola: _____

- 1- Com as suas palavras, o que é Arte pra você? _____

- 2- Com suas palavras a arte é importante pra você? Justifique. _____

- 3- Porque você leciona a disciplina de Artes? Justifique. _____

- 4- Qual a sua formação acadêmica? _____
- 5- Com suas palavras o que é Educação do Campo pra você? _____

- 6- Você acha que o ensino nas escolas do campo é diferente do ensino nas escolas da cidade? _____

- 7- Quais metodologias você utiliza na disciplina de artes? _____

- 8- Quais instrumentos avaliativos você utiliza na disciplina de artes? _____

- 9- Em sua opinião qual o papel da arte dentro do contexto escolar? _____

- 10- Para você qual é a diferença entre o ensino de arte da escola do campo e o ensino de arte na escola da cidade? São a mesma coisa? _____

Questionário

Nome do Aluno: _____

Nome da Escola: _____

- 1- Com as suas palavras, o que é Arte Pra você? _____

- 2- Com suas palavras a arte é importante? Justifique _____

- 3- Como o professor avalia os alunos na disciplina de artes? _____

- 4- O que você faz nas aulas de artes? _____

- 5- Você gosta dessas aulas? Por Quê? _____

- 6- Você acha que as aulas de artes deveria ter mais vezes na semana? Por Quê?

- 7- Quais materiais didáticos o professor utiliza na aula? _____

